

REVISTA NACIONAL DE REABILITAÇÃO

28
ANOS

REACÃO

PESSOA COM DEFICIÊNCIA E DIVERSIDADE ASSISTIVA



REFLEXÃO



ANO XXVIII
ED. 163
SETEMBRO
OUTUBRO 2025



4 HOMENS E UM IDEAL!



VEÍCULOS E ADAPTAÇÕES



Motor 1.0 Turbo:
Será que o
desempenho
atende as
expectativas?



BYD SONG PRO



BYD KING



BYD DOLPHIN



CONHEÇA A MAIOR
GRÁFICA BRAILLE
DA AMÉRICA LATINA



FastBraille

ACESSIBILIDADE
NA VELOCIDADE NECESSÁRIA

SOMOS A FORMA MAIS RÁPIDA E INTELIGENTE PARA FAZER SUA EMPRESA
COMEÇAR A ATENDER, DE VERDADE, PESSOAS CEGAS E COM BAIXA VISÃO.



Sabia que no Brasil somos mais de 6,5 milhões de pessoas com baixa visão e 540 mil pessoas cegas? A impressão braille-tinta vai além de uma obrigação legal, é a tecnologia ideal e insubstituível para assegurar a plena inclusão desse público no uso de documentos, e na leitura de livros, cardápios e materiais de comunicação. Venha participar deste mundo acessível com a Fast Braille.



A Revista Nacional de Reabilitação - REAÇÃO é uma publicação bimestral da C & G 12 Editora Ltda

Telefone (PABX):(11) 3873-1525

www.revistareacao.com.br
contato@revistareacao.com.br

Diretor Responsável - Editor
Rodrigo Antonio Rosso

Administração e Financeiro
Patricia Regina

Dept. Comercial
Alex Lima
Levy Carneiro

Diagramação
Woow Marketing 360°

Consultores Técnicos
Renato Baccarelli
Suely Carvalho de Sá Yanez
Romeu Sassaki (In Memoriam)
Carlos Roberto Perl (In Memoriam)

Colaboradores
Kelly Freymann
Rodolfo Sonnewend
Celise Melo
Kica de Castro
Bruno Oliveira de Carvalho
Igor Lima
Fabiano D'agostinho
Guto Maia
Lúcia Figueiredo
Giovanna Proença
Márcia Gori
Ana Lúcia de Oliveira
Maria de Mello
Rebeca Filgueiras
Mateus Piveta
Roberto Rios
Valmir de Souza
Alex Garcia
Salomão Jr.

Tiragem: 10 mil exemplares

Redação, Comercial e Assinaturas:
adm@cg12.com.br

É permitida a reprodução de qualquer matéria ou artigo publicado na REVISTA REAÇÃO - Revista Nacional de Reabilitação - desde que seja citada a fonte.

*Os artigos assinados não expressam necessariamente a opinião deste veículo, sendo assim, é de responsabilidade exclusiva de seus autores.

APOIO:



Rehabilitation
International



ABRIEND
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EMPRESAS DE TECNOLOGIA ASSISTIVA



EDITORIAL

28 anos e muita história para contar !



Este ano, agora em novembro, a Revista Reação - hoje Sistema Reação de Comunicação Dirigida - completa 28 anos de existência. Uma vida... mas parece que foi ontem que nascia a Revista Nacional de Reabilitação, dentro da feira REA '97, em São Paulo/SP. O evento acabou, mas a revista continuou. De lá para cá, sempre bimestral, nunca deixamos de circular assiduamente, mesmo enfrentando dificuldades, crises, instabilidades econômicas, sociais, pressões políticas, concorrências desleais, calúnias e tentativas de difamação (graças a Deus sempre frustradas). Nem a pandemia de Covid-19 foi capaz de nos parar. São 28 anos de informação de qualidade, com ética, respeito e verdade. Prestação de serviço através de ações, que extrapolaram a edição de um veículo de comunicação e alcançaram voos que nem eu imaginava poder alcançar quando fundei esta revista. Dela, nasceram eventos como a REATECH em 2002 (feira que vendi em 2012 e hoje é realizada pela Fiera Milano), a Cidadania Inclusiva e a MOBILITY & SHOW em 2015. Eventos que estão aí até hoje, fazendo parte da vida das pessoas com deficiência, seus familiares e dos profissionais que atuam na inclusão, acessibilidade, educação, arquitetura e outras áreas ligadas ao nosso segmento. Da revista também nasceu a ABRIEND - Associação Brasileira da Indústria, Comércio e Serviços de Tecnologia Assistiva em 2010, entidade patronal e social que presido desde então.

Participamos ativamente de tantas batalhas, lutas e conquistas em prol da pessoa com deficiência de 1997 até hoje. Foram inúmeras que ajudamos a construir, mas algumas se destacaram, como: isenções de impostos na compra do carro 0Km - batalha essa que de tempos em tempos temos que atuar novamente, a formatação da LBI, linhas de crédito como BB Crédito Acessibilidade, reconhecimento de autismo e doenças raras como deficiência, Lei de Cotas, melhoria na qualidade dos produtos, nos serviços e tantas outras. Foram vários finais de semana e feriados trabalhando, noites de sono perdidas, muitas viagens, o sacrifício do convívio com a família... tudo valeu a pena !

Quando lembramos como era o segmento da pessoa com deficiência no Brasil há quase 30 anos e como está hoje, vendo o quanto evoluímos e conquistamos, quantas portas foram abertas, espaços ocupados, visibilidade, reconhecimento... dá orgulho de saber que, juntamente com tantos outros atores importantes e essenciais nessas lutas, deixamos vários "tijolinhos" nessa construção. Lógico que estamos longe ainda do ideal no que diz respeito à inclusão, acessibilidade, educação e empregabilidade, mas é inegável que hoje as condições gerais são muito diferentes e melhores que no passado.

Esse verdadeiro "legado" continua. O segmento da pessoa com deficiência ainda tem muito o que conquistar e crescer. E isso é que nos move, que nos inspira a continuar apesar das dificuldades e provações. Não é fácil manter-se vivo com um veículo de comunicação dirigido em um país com a política e a economia tão instáveis. Mas, como dizem: "enquanto tem bambu tem flecha"... contem conosco SEMPRE ! Estamos JUNTOS, pois só assim teremos a força necessária para conquistar ainda mais !



Parabéns a Todos que nos ajudaram a construir esses 28 anos !

Rodrigo Rosso
Diretor/Editor

"Nenhum rei vence por ter um exército poderoso, nem os soldados conseguem a vitória por causa da sua força... É o Senhor Deus quem protege aqueles que o temem é Ele quem guarda aqueles que Nele confiam." Salmos 33:16-18

NOVO NISSAN **KICKS**

ATTITUDE TO DISRUPT



NISSAN

**MOBILIDADE
PARA TODOS**

AGENDE SEU TEST DRIVE



PORTA-MALAS
DE 470L



MAIS ESPAÇO
E CONFORTO

Saiba mais em nissan.com.br/novo-kicks. Consulte condições em nissan.com.br/ofertas. Imagens ilustrativas.

**INOVADOR, MODERNO E COM
CONDIÇÕES ESPECIAIS PARA PCD!**



VE.



**CONJUNTO
DE TELAS DE
24,6"**



Instituto Ana Luisa: Um lugar onde ninguém larga a mão de ninguém !



Tudo começou no pós-pandemia. O mundo enfrentava um cenário de incertezas, desorganização e recomeços. Para as pessoas com deficiência e suas famílias, esse período foi ainda mais desafiador. Foi nesse contexto que nasceu, de forma espontânea e cheia de coragem, o Instituto Ana Luísa - uma iniciativa de uma assistente social e mãe atípica, mulher muito determinada e batalhadora, chamada Debora Rodrigues.

A sua iniciativa e sua luta sensibilizou outras mães de pessoas com deficiência a transformar a dor de todas, em uma força coletiva.

Quando as aulas presenciais retornaram nas escolas, tiveram a primeira reunião com o CEFAM - Centro Específico de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério de SP. A expectativa era de acolhimento, mas o que aconteceu foi o contrário: foi exibido um vídeo de extremo mau gosto, que retratava a vida de famílias com filhos com deficiência de maneira infeliz e preconceituosa. Pais e mães saíram da reunião chorando, indignados, mas também decididos a mudar essa realidade.

Da união dessas famílias, nasceu então um grupo de apoio, e desse grupo, surgiu o Instituto Ana Luísa - nome escolhido



com carinho pelas próprias mães.

Há quase 3 anos, o Instituto tem assumido uma missão essencial: acolher não apenas pessoas com deficiência, mas também suas famílias, oferecendo suporte integral, assessoria jurídica, informações qualificadas sobre os direitos dos PCD, ações de arte, educação, esporte e, principalmente, muito respeito e novas perspectivas de vida, tanto para as pessoas com deficiência, mas também para as suas famílias.

Cuidar de Todos, sem rótular

No Instituto Ana Luísa - não há limite de idade, são atendidas pessoas com qualquer tipo de deficiência. O acolhimento é amplo e humanizado.

“Infelizmente, nossa sociedade rotula nossos filhos desde o nascimento, como se tivessem um prazo de validade”,

comenta Débora Rodrigues, presidente e fundadora da entidade. “Aqui, queremos justamente o contrário: mostrar que todos têm direito de viver com dignidade, respeito e alegria”, completa.

Hoje, o público atendido é majoritariamente composto por adolescentes e adultos - muitos deles conhecidos como “filhos do quarto” - pessoas que, por conta da depressão e do isolamento social, acabaram se retraindo do convívio social, por conta também do preconceito da sociedade, que não foi educada para entender e receber amorosamente as PCD.

O Instituto tem conseguido resgatar essas pessoas, devolvendo-lhes o direito de pertencer e de viver plenamente em sociedade.

Um lar de Apoio e Resistência

Sem apoio financeiro fixo, sem sede própria, organizando eventos e recebendo ajuda e doação de voluntárias, o Instituto Ana Luísa funciona, por enquanto, na própria residência de Débora, que se transformou em uma verdadeira casa transitória de acolhimento. A sede fica na Av. Mutinga, 4712 - Vila Jaguara - zona oeste da capital paulista, praticamente na divisa com a cidade de Osasco/SP. É ali que acontecem atividades comunitárias,

rodas de conversa, bazares, rifas e até ações de reciclagem para arrecadar fundos para subsistência da entidade.

O esporte regula as emoções

Duas vezes por semana, os participantes fazem refeições no local antes de irem para as atividades esportivas no Centro Paralímpico, na zona sul da capital paulista, com apoio da secretaria municipal da Pessoa com Deficiência de São Paulo/SP, que fornece o transporte. O esporte tem sido um verdadeiro salva-vidas para os atendidos, proporcionando saúde, convivência, aceitação e melhorando a autoestima das PCD e dos seus familiares.

Festival Anual de Futebol do Instituto Ana Luísa

No dia 25 de outubro acontece o 2º Festival de Futebol Inclusivo, organizado pelo Instituto Ana Luísa, nas quadras do Centro Paraolímpico Brasileiro, com a participação de outras instituições de São Paulo/SP e de outras cidades do estado.

O Festival é uma ação afirmativa inclusiva, de suma importância para as pessoas com e sem deficiência, com a participação dos seus amigos e familiares. E que tem como missão, promover a inclusão social por meio do esporte, criando um ambiente de interação, respeito e empatia.

A proposta é oferecer uma experiência única, na qual todos - com e sem deficiência - compartilhem valores de convivência, igualdade e celebração da diversidade.

Direitos, Educação, Esporte e Empregabilidade: os 4 pilares

O Instituto Ana Luísa tem como prioridades estatutárias os direitos das PCD, a educação, o esporte e a empregabilidade. Em parceria com a Secretaria Municipal da Pessoa com Deficiência de São Paulo/SP, participa de eventos e ações afirmativas de sociabilidade. Já a Secretaria Estadual da Pessoa com Deficiência de SP, cede espaços esportivos e colabora em algumas ações afirmativas do Instituto.

Apesar dos avanços, o sonho maior permanece: conquistar um espaço próprio para a sede da entidade, adequado para atender com mais conforto e estrutura, especialmente pessoas com deficiências nível II e III de suporte - que hoje encontram poucas opções de tratamento



Debora com seu marido e sua filha Ana Luisa, que deu nome ao Instituto.

- e também os adultos mais velhos, que já não têm familiares cuidando deles.

“Ninguém é Invisível Aqui”, diz Débora com emoção sobre os frutos desse trabalho. “Nossos assistidos e assistidas hoje andam de cabeça erguida. Eles se reconhecem, se empoderam e empoderam

os outras PCD. Aqui no Instituto ninguém larga a mão de ninguém. Juntos, sempre seremos mais fortes”, enfatiza a presidente com orgulho.

O Instituto Ana Luísa é mais que uma organização: é um movimento de social de resistência, afeto e transformação social, apoiado por outros coletivos que lutam pelas PCD. Debora Rodrigues, luta para que pessoas com deficiência deixem de ser tratadas como “público invisível” e passem a ser vistas como pessoas de direitos iguais, como cidadãs e cidadãos plenos, com voz ativa na sociedade. “Cada parceria, cada doação ou divulgação faz diferença nessa caminhada. Quando a sociedade decide enxergar, acolher e caminhar junto, ninguém fica para trás”, finaliza Debora.

Excelência no atendimento a entidades do Terceiro Setor

ÁREA CONTÁBIL JURÍDICA FISCAL RECURSOS HUMANOS

- ESPECIALIZADO NO ATENDIMENTO A ENTIDADES SEM FINS LUCRATIVOS**
- ESTRUTURA COMPLETA E MULTIDISCIPLINAR**
- PLATAFORMAS AVANÇADAS ONLINE PARA CONTRATOS, CONVÊNIOS E OUTRAS LICITAÇÕES**
- ORIENTAÇÃO EM PROJETOS A NÍVEL NACIONAL E SUPORTE PARA SOLUÇÃO DE PROBLEMAS**

Rua Apucarana, 759
Tatuapé - Cep 03311-000
São Paulo/SP
PABX: (11) 20952088



(11) 95128-8905

www.a2office.com.br

A2Office®

contador@a2office.com.br



Pessoas com Deficiência em Situação de Rua: a Exclusão Invisível

A presença de pessoas com deficiência em situação de rua é um dos rostos mais extremos da exclusão social. Trata-se da sobreposição de duas vulnerabilidades: a deficiência e a ausência de moradia. Quando essas condições se encontram, o resultado é a negação quase absoluta de direitos e a invisibilidade diante do poder público e da sociedade.

A ausência que os números não preenchem

O Brasil contabiliza mais de 335 mil pessoas em situação de rua, segundo levantamento recente. No entanto, não sabemos quantas delas vivem com deficiência. A ausência desse recorte revela um dado perturbador: se o número geral é conhecido, a falta de especificidade mostra que pessoas com deficiência continuam invisíveis, mesmo dentro do grupo mais vulnerável do país.

Desigualdade multiplicada

Uma pessoa sem deficiência já

enfrenta o frio, a fome e a falta de abrigo. Para quem tem deficiência, como um cadeirante diante de escadarias, uma pessoa com deficiência visual tentando circular em ruas caóticas ou uma pessoa com deficiência auditiva sem comunicação acessível, a sobrevivência cotidiana se torna um desafio quase intransponível.

Entre as barreiras, destacam-se as arquitetônicas, de transporte, comunicação, atitudinais e laborais, bem como, a falta de acesso a serviços essenciais de saúde, assistência e moradia.



Aporofobia e capacitismo

A filósofa Adela Cortina criou o termo “aporofobia” para designar o preconceito contra os pobres. Quando somamos a esse preconceito o capacitismo, temos uma exclusão reforçada em dobro. Pessoas com deficiência em situação de rua não apenas são ignoradas — muitas vezes são vistas como indignas de ajuda.

Direitos humanos violados

Estar em situação de rua já representa a violação de direitos fundamentais, como: moradia, saúde e alimentação. Todos garantidos pela Constituição Federal (art. 6º).

Para pessoas com deficiência, soma-se a violação de direitos previstos na Lei Brasileira de Inclusão (Lei Nº 13.146/2015), que assegura acessibilidade, vida independente e participação comunitária.

Ausência de políticas públicas específicas

A Política Nacional para a População em Situação de Rua (Decreto Nº 7.053/2009) prevê princípios como respeito à dignidade, atendimento humanizado e universalização de acesso a serviços públicos. No entanto, tais princípios não se concretizam na prática, sobretudo para pessoas com deficiência.

Os próprios Centros POP não foram estruturados para atender esse público: faltam acessibilidade arquitetônica, comunicação inclusiva e equipes capacitadas.

O direito ao cuidado

Para além da moradia e da saúde, muitas pessoas com deficiência necessitam de apoio humano contínuo para viver com dignidade. A Lei Brasileira de Inclusão reconhece a figura do atendente pessoal, enquanto a Resolução CNAS Nº 09/2014 trata do papel dos cuidadores sociais. Na prática, no entanto, o cuidado é inexistente para grande parte dessa população.

Segurança pública e violência

A vulnerabilidade de pessoas se limita à falta de moradia. Ela se traduz também em exposição extrema à violência. Para um cadeirante, fugir de uma situação de agressão é praticamente impossível. Já

uma pessoa com deficiência auditiva pode não ouvir um alerta ou ameaça, ficando ainda mais vulnerável. Pessoas com deficiência intelectual, por sua vez, tornam-se alvos fáceis de manipulação e abuso. A deficiência amplia o risco da violência e reduz drasticamente as chances de defesa.

O STF, na ADPF 976, proibiu práticas como remoções forçadas e declarou inconstitucional o uso da chamada arquitetura hostil — intervenções urbanas como pedras sob viadutos ou aspersores de água.

Arquitetura hostil

Se dormir embaixo de um viaduto já é degradante, para quem usa cadeira de rodas o cenário é ainda mais cruel: pedras e obstáculos não apenas expulsam, mas tornam a locomoção inviável. Para uma pessoa com deficiência visual, divisórias ou objetos espalhados são armadilhas permanentes. Esses elementos, longe de proteger, agravam o risco físico e reforçam a exclusão.

Direito à saúde

A rua não apenas adoece: ela impede o tratamento de condições já existentes. Uma pessoa que depende de cadeira de rodas e fisioterapia regular perde mobilidade rapidamente, sem acompanhamento. Uma pessoa com deficiência visual que precisa de medicamentos contínuos, dificilmente consegue manter tratamento. Para uma pessoa com deficiência intelectual, a descontinuidade de terapias e apoio multiplica as dificuldades de autonomia. A rua interrompe tratamentos e agrava todas as condições preexistentes.

Ciclo da exclusão e porta de saída negada

A falta de moradia impede o acesso contínuo à saúde; a falta de saúde inviabiliza a autonomia; e a ausência de políticas de inclusão trava qualquer possibilidade de reconstrução. Forma-se, assim, um verdadeiro ciclo de exclusão.

Direito ao trabalho e à autonomia

O trabalho é elemento central da dignidade humana. No entanto, pessoas com deficiência em situação de rua estão excluídas das oportunidades laborais formais. Enquanto uma pessoa em situação de rua sem deficiência pode conseguir pequenos trabalhos informais, para alguém com



deficiência física severa essa possibilidade quase não existe. Pessoas com deficiência auditiva ou visual, sem acessibilidade e sem suporte, são frequentemente excluídas até das atividades mais simples. O resultado é a condenação à invisibilidade econômica.

O papel da sociedade

A sociedade civil tem responsabilidade direta em romper o ciclo de invisibilidade. Mas é preciso ir além da caridade: a sociedade deve cobrar políticas públicas estruturadas e denunciar violações.

O papel das instituições

As instituições de ensino, saúde, assistência social e igrejas podem desempenhar papel decisivo. Universidades podem produzir pesquisas; hospitais devem acolher sem discriminar; igrejas podem assumir postura inclusiva.

O papel do Judiciário

O STF, na ADPF 976, reconheceu

que a população em situação de rua vive um verdadeiro estado de coisas inconstitucional, determinando a observância imediata da Política Nacional para a População em Situação de Rua.

Caminhos de transformação

É indispensável produzir dados confiáveis, criar abrigos acessíveis, implementar programas de moradia assistida e campanhas contra a apofobia e o capacitismo.

Memória e Humanização

É preciso lembrar que, por trás dos números, existem pessoas com histórias interrompidas e resistências cotidianas. Humanizar esse olhar é fundamental.

Inclusão radical

A rua é o limite da exclusão. Se queremos falar em inclusão plena, precisamos começar pelos que estão mais afastados dela: pessoas com deficiência em situação de rua. 



Igor Lima

é advogado (OAB/RJ), Pós-Graduado em Direitos Humanos e Pós-Graduado em Direito Ambiental, ESG e Sustentabilidade e Gestão de Departamento Jurídico. Membro da Comissão de Direitos da Pessoa com Deficiência da OAB, palestrante e escritor, com obra lançada no STJ, citada no STF e utilizada como referência em processos seletivos no Brasil. Atua em palestras no MPRJ, UERJ, UFRJ e outras instituições de renome. Voluntário no IN Movimento Inclusivo e referência nacional na defesa dos direitos das pessoas com deficiência, acessibilidade, inclusão e direitos humanos. E-mail: igorlimadc@gmail.com

Ambientes Educacionais Sensíveis às Necessidades Emocionais

Uma pesquisa realizada entre 2022 e 2023 e divulgada em fevereiro de 2025 pelo “Center for Education”, dos Estados Unidos, revelou o anseio do tema desta matéria no ambiente educacional para crianças e adolescentes. Ao todo, 16 países participaram do estudo: Brasil, Austrália, Bangladesh, Gana, Hungria, Cazaquistão, Quênia, Serra Leoa, África do Sul, Holanda, Colômbia, Índia, Tanzânia, Uganda, Inglaterra e Estados Unidos.

No Brasil, ficou constatado que 53% das famílias acreditam que o papel das escolas é preparar os estudantes para o ensino superior. No entanto, 61% valorizam a aprendizagem sócioemocional no ambiente escolar, sendo uma habilidade fundamental para o desenvolvimento pessoal e profissional dos alunos.

A pesquisa aponta que, no Brasil, quando as famílias são perguntadas sobre o principal objetivo da escola:

- 53,2% das famílias acreditam que é preparar o estudante para o ensino superior;
- 24,4% apontam o desenvolvimento socioemocional;
- 16,6% defendem a formação cidadã;
- 5,8% destacam o desenvolvimento de habilidades para o mercado de trabalho.

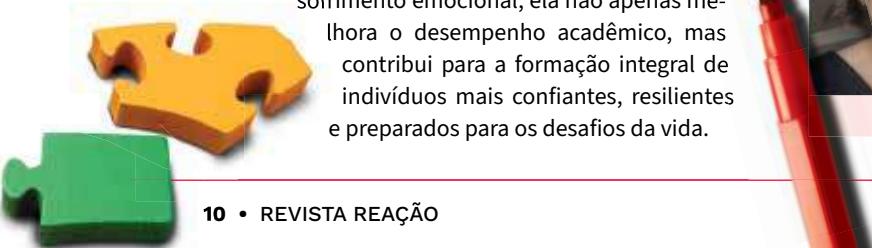
As famílias ficam mais satisfeitas quando:

- 61,2% das famílias disseram preferir a aprendizagem socioemocional;
- 30,6% valorizam a educação acadêmica;
- 7,2% preferem uma educação orientada ao mercado de trabalho;

A criação de espaços escolares que promovam o bem-estar emocional, psicológico e social dos alunos tem se tornado cada vez mais urgente para lidar com questões de saúde mental no ambiente escolar, assim como para que aprendam de forma segura, acolhedora e motivadora.

Por que é importante?

- **Saúde mental:** é parte fundamental do processo de aprendizagem, porque crianças e adolescentes podem enfrentar ansiedade, estresse e bullying, que afetam seu desempenho escolar, sua motivação e até mesmo sua convivência social. Quando a escola acolhe, promove espaços seguros de escuta, trabalha valores como respeito e empatia, e está atenta aos sinais de sofrimento emocional, ela não apenas melhora o desempenho acadêmico, mas contribui para a formação integral de indivíduos mais confiantes, resilientes e preparados para os desafios da vida.

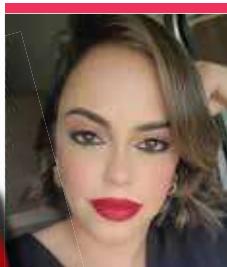


- **Engajamento:** os alunos emocionalmente apoiados participam mais das aulas, atividades e estabelecem interações sociais mais saudáveis. Quando uma criança ou adolescente sente que suas emoções são reconhecidas e acolhidas, se sentem pertencentes, seguros para aprender e motivados a contribuir. Dessa forma, se amplia também a capacidade de colaboração, de criatividade e de convivência respeitosa.

- **Inclusão:** reconhecer que cada aluno tem necessidades emocionais diferentes, fortalecendo a equidade na escola. Quando a instituição comprehende que não existe um padrão único de sentir, reagir ou aprender, ela passa a valorizar a singularidade de cada criança e adolescente, oferecendo suporte adequado às suas realidades. Isso significa acolher o estudante que enfrenta ansiedade, apoiar aquele que lida com dificuldades de autoestima, e também estimular quem precisa de mais segurança para se expressar. Essa postura não só promove um ambiente de respeito, mas também abre espaço para que todos tenham as mesmas oportunidades de participar, aprender e se desenvolver plenamente. Ao reconhecer e responder às necessidades emocionais individuais, a escola cria uma verdadeira cultura de inclusão, onde cada aluno encontra condições de crescer com dignidade, pertencimento e confiança.

Dentre algumas estratégias e práticas para a promoção de ambientes educacionais sensíveis às necessidades emocionais estão os espaços de acolhimento e de promoção de diálogos que permitem que os alunos expressem seus sentimentos e sejam ouvidos de forma segura; o suporte psicológico, que oferece acompanhamento especializado e auxilia na prevenção de situações de sofrimento; e os programas socioemocionais, que desenvolvem habilidades como empatia, resiliência, cooperação e autoconhecimento.

Somam-se a isso a capacitação contínua de professores e de toda a equipe escolar, para que saibam identificar sinais e atuar de maneira acolhedora, além da construção de uma cultura institucional baseada no respeito e empatia, incentivando relações positivas entre alunos, escolas e famílias. Quando essas práticas se integram ao cotidiano, a escola se transforma em um espaço não apenas de aprendizado acadêmico, mas também de cuidado humano, inclusão e desenvolvimento integral.



Giovanna Proença

é Psicóloga. Especialista em Análise do Comportamento Aplicada ao Autismo e Desenvolvimento Atípico. Fundadora e Proprietária da MOVE Desenvolvimento Humano, empresa de Treinamentos, Capacitações e Consultorias em Inclusão, Acessibilidade e Diversidade. Mãe Atípica. E-mail: movedh@outlook.com.br

Treinamentos e Capacitações em Inclusão Escolar

Exclusivo para Secretarias de Educação e Prefeituras



A Inclusão Se Faz Com Capacitação

**Capacite sua Equipe com a
MOVE Desenvolvimento Humano.**

📞 (65) 9 9207-2965

✉️ movedh@outlook.com.br





A Revolução Silenciosa da IA: mais que uma ferramenta, um novo horizonte humano para a inclusão

Embri-me dos dias em que cada barreira física era um muro intransponível, e a ausência de uma simples rampa transformava um direito em um privilégio inalcançável. Quero poder dizer isso para os meus netos num futuro não tão distante. Esse dia chegará, e a tecnologia, a mesma que parece nos distanciar, poderá, em invés disso, construir pontes invisíveis, derrubar muros e redefinir o que significa ser acessível para os 1,3 bilhão de pessoas com deficiência no mundo, ou os 18,9 milhões no Brasil, que necessitam de um olhar mais inclusivo. Essa é, acredito, a promessa da IA - Inteligência Artificial para a inclusão.

Tendo vivenciado os desafios da acessibilidade de perto, a tecnologia sempre foi para mim um campo de fascínio e de soluções potenciais. Não é à toa que minhas reflexões sobre o futuro da sociedade, exploradas no meu livro - 2081 - XRAM - apontam a IA como um alicerce fundamental para um mundo mais equitativo. A IA não é

apenas um avanço tecnológico; é um agente de transformação social, com o poder de reescrever as regras da acessibilidade e da autonomia para milhões de pessoas.

A IA no Front da Acessibilidade: Exemplos e Potencial Transformador

1 - Visão Computacional para Autonomia: imagine poder “ver” o mundo através de um dispositivo que o descreve para você. Aplicativos como Be My Eyes conectam usuários cegos ou com baixa visão a voluntários videntes via vídeo-chamada, enquanto o Seeing AI da Microsoft usa inteligência artificial para descrever pessoas, textos e objetos ao redor, e descrever o valor de cédulas. Mais recentemente, o lançamento de dispositivos como os novos óculos inteligentes da Meta/Ray-Ban, que integram câmeras e telas em lentes, promete uma nova revolução. Para uma pessoa com deficiência visual, mesmo que completamente cega, um óculos é capaz de captar imagens do ambiente e traduzi-las em descrições de

áudio através de um alto-falante discreto na haste não é apenas uma conveniência, mas uma ferramenta de autonomia sem precedentes. Óculos assistivos já existem, mas com o lançamento de mais produtos assim, a popularização deles é inevitável. A IA pode ir além: sistemas de visão computacional, treinados com dados massivos, podem oferecer navegação autônoma em ambientes complexos, leitura de placas de trânsito em tempo real e até a “previsão” de obstáculos, alertando sobre superfícies irregulares ou aglomerações. A provocação aqui é crucial: como garantimos que a comunidade PCD seja protagonista no treinamento dessas IA, co-criando soluções que realmente atendam suas necessidades e respeitem suas particularidades culturais, em vez de apenas reagir ao que é desenvolvido?

2 - Processamento de Linguagem Natural (PLN) para Comunicação

Natural (PLN) para Comunicação: as barreiras de comunicação são das mais frustrantes. O PLN da IA está revolucionando isso. Ferramentas de tradução simultânea, como o Hand Talk, que traduz para Libras, ou sistemas de legendagem automática em tempo real, já estão minimizando as dificuldades para pessoas surdas ou com deficiência auditiva. Além disso, a IA pode simplificar textos complexos, tornando informações essenciais acessíveis a pessoas com deficiência intelectual ou dislexia, como abordado no artigo O Mosaico da Inclusão sobre neurodiversidade na edição anterior. A questão que se impõe é: a IA realmente promove a igualdade na comunicação, permitindo que cada voz seja ouvida e compreendida em sua plenitude, ou cria novas dependências tecnológicas, mascarando a necessidade de interação humana genuína?

3 - IA Preditiva e Ambientes Adaptativos

Adaptativos: a vida em casa, nosso porto seguro, também está sendo transformada. Casas inteligentes aprendem rotinas e antecipam necessidades de moradores PCD ou idosos, controlando luz, temperatura, portas e até acionando chamadas de emergência. Sistemas de monitoramento de saúde baseados em IA, como o Anglis (solução nacional destacada em textos anteriores), exemplificam como a tecnologia pode prever e prevenir incidentes como quedas, otimizando o cuidado em Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPIs). A

promessa é um “ecossistema de cuidado inteligente”. Mas onde está o limite entre “cuidado” e “vigilância”? Como preservar a autonomia e a privacidade da escolha em um ambiente que “sabe” demais?

4 - Robótica e Exosqueletos com

IA: o que antes parecia ficção científica está se tornando realidade. Exosqueletos controlados por IA permitem que pessoas com paraplegia voltem a caminhar, e braços robóticos com sensibilidade aprimorada oferecem novas capacidades. A IA pode estender as capacidades físicas e sensoriais humanas de maneiras antes inimagináveis. Isso nos leva a questionar: que tipo de “corpo” a IA nos permitirá construir no futuro? Como isso redefine o conceito de “normalidade” ou “capacidade”, e quais as implicações sociais de um mundo onde a tecnologia pode “ampiar” a condição humana?

IA e o Ambiente Construído: o Fim das Barreiras Físicas?

5 - IA no Planejamento Arquitetônico

e se arquitetos e urbanistas passassem a utilizar novos sistemas inteligentes que, com base em inteligência artificial, identificassem falhas ou necessidades de acessibilidade ainda na fase de projeto? Já existem diversas ferramentas de arquitetura que empregam IA, mas ainda não contemplam, de forma explícita, a simulação da experiência de uma pessoa com deficiência. Espera-se que, em breve, essas tecnologias possam representar, por exemplo, o trajeto de um usuário de cadeira de rodas, de uma pessoa cega ou com mobilidade reduzida em uma planta arquitetônica, identificando gargalos e sugerindo soluções otimizadas.

6 - Aprovação Inteligente de Projetos:

e se todas as prefeituras adotassem sistemas semelhantes, baseados em IA, para verificar falhas de acessibilidade com precisão no momento da aprovação de projetos de construção? Prédios com barreiras físicas deixariam de ser construídos, pois o sistema atuaria como um “fiscal inteligente” preventivo, garantindo que a Lei Brasileira de Inclusão (LBI) fosse respeitada desde a prancheta.

7 - Mapeamento Global e Reme-

dição Proativa: e se um sistema de satélites, aliado à visão computacional avançada, fosse capaz de identificar — por meio de imagens — todos os locais com problemas de acesso e informar os governos responsáveis? Ou, de forma mais pragmática, e se as próprias prefeituras utilizassem imagens detalhadas do Google Street View, combinadas com algoritmos de IA, para mapear calçadas esburacadas, rampas inexistentes ou mal projetadas e edificações — incluindo comércios, restaurantes etc — sem acessibilidade, gerando planos de ação e fiscalização automatizados? A tecnologia para isso já existe, inclusive no Brasil, mas ainda não é aplicada com foco na acessibilidade. Se fosse, transformaria a remediação de barreiras de uma ação reativa para uma abordagem proativa, catalisando a verdadeira inclusão urbana.

Essas possibilidades não são ideias utópicas; são o horizonte tangível que a IA nos oferece e já estão, em sua maioria, disponíveis. Mas elas precisam evoluir em suas aplicações, tendo a IA treinada para seus fins específicos. Implantá-las e popularizá-las exige de nós coragem e a ética.

A Humanidade no Algoritmo: Ética, Amor e o Desafio da Co-Criação

Esta revolução tecnológica nos remete aos fundamentos que abordei em “Os alicerces da inclusão”: ética, amor e o poder transformador da tecnologia, na penúltima edição desta revista.

Se a ética é o alicerce e o amor o piso de uma sociedade inclusiva, como garantimos que os algoritmos de IA sejam construídos sobre esses mesmos princípios? A IA, por sua natureza, não possui emoção ou moralidade inerente; cabe a nós, humanos, infundir nela esses valores.

O risco de uma “algoritmo-dependência” é real, e precisamos preservar o

protagonismo humano, garantindo que a IA seja uma extensão da nossa humanidade, não um substituto.

Outro ponto crítico é o perigo da exclusão digital. A tecnologia é um vetor democratizador, mas a falta de acesso - econômico ou de conhecimento - pode criar um novo abismo. Como garantir que a revolução da IA na acessibilidade não se torne um privilégio para poucos, mas um direito para todos? A questão do custo de dispositivos, da conectividade e do letramento digital — tópico já explorado em matérias da Revista Reação ao comparar o braille ao digital — torna-se ainda mais urgente.

A verdadeira inclusão com IA só será possível se as pessoas com deficiência não forem apenas “usuários”, mas co-criadores. Seus insights, suas vivências, suas necessidades devem moldar o desenvolvimento dessas tecnologias desde o início. Como disse Alan Turing, o pai da computação: “Só podemos ver um pouco à frente, mas podemos ver que há muito a ser feito.” E esse “muito a ser feito” passa por uma colaboração genuína, onde a empatia e a escuta ativa são centrais, e onde a tecnologia serve a uma visão humana de mundo.

O Chamado para um amanhã acessível

A revolução da IA na acessibilidade já começou, mas seu curso final será determinado por nossas escolhas hoje. Não podemos cruzar os braços, nem nos calar diante das possibilidades e dos desafios. É preciso persistir — como a cada passo que damos, como a cada rampa que conquistamos, como a cada voz que se eleva — para garantir que essa tecnologia sirva verdadeiramente à essência humana. 



Fabiano D'Agostinho

é formado em Tecnologia Elétrica pelo Mackenzie, pós-graduado em Administração de Marketing pela FAAP, com extensão em Administração de Negócios e Gerenciamento de Projetos na UC Berkeley (USA). Tem passagem por empresas como Questus, em San Francisco, AgênciaClick Isobar e Dentsu Aegis. É um peregrino criativo de 49 anos, cadeirante desde os 26, professor, palestrante, ator, escritor, pensador, marceneiro, marido e pai de um adolescente de 15 anos. Atualmente é consultor, mentor e COO da ConexCI, uma empresa de consultoria estratégica e operacional para incorporadoras e construtoras.

Redes Sociais: @fabsdago



Silêncio: um momento desejado por milhões de pessoas !

Eu me aproximei do carro para levar minha netinha de 7 anos para a escola. Ela já estava acomodada no banco traseiro com o cinto de segurança afivelado e bem quietinha.

Perguntei o que ela estava fazendo. E ela me respondeu:

- Estou apreciando o silêncio vovô.

Confesso que em vários dias passei minutos refletindo sobre isso e, como resultado, descobri o quanto, em minha vida, tinha tido essa necessidade e como ainda tenho. Não é um luxo, é uma carência humana.

A séculos o homem vai em busca de soluções, explicações, justificativas e clareza mental, mergulhando no silêncio total através da meditação.

Quando fiquei paraplégico, em 1996, entrei em outro mundo que não conhecia e que, definitivamente, não era o meu. Esse mundo estranho, desconhecido, não trazia só as mazelas materiais de fácil percepção, como as dores, a perda de movimentos, a perda da sensibilidade, a perda do controle fisiológico, a sensação de inutilidade, mas também, a confusão mental.

Por isso, precisei de uma longa "terapia do silêncio". Precisei reorganizar toda uma vida, tentar acreditar na minha resiliência e, principalmente, organizar o futuro. Metas, família, trabalho... e me recolocar na vida, tentar, pelo menos, me aproximar do meu mundo anterior.

Precisei de muitas horas, em muitos dias, do silêncio. Até, em muitas ocasiões, o choro tão silencioso que só uma alma também dolorida, conseguia escutar.

Aconselho a todos que enfrentam dificuldades, seja finançeira, amorosa, trabalho ou mesmo de saúde, que não saia por aí esbravejando contra o mundo, querendo arrumar um culpado, porque talvez ele não exista. Mas, que se isole por alguns momentos, minutos, horas se for preciso. Peça esclarecimentos para si próprio e verás que existe um super-herói aí dentro, e que para tudo tem uma solução, ela só precisa ser "garimpada".

Eu poderia acrescentar aqui, nas minhas reflexões, que o silêncio também pode até ser usado por contraventores, que conseguem autorizações para silenciar-se diante de um tribunal, por exemplo.

Dizem que o céu é calmo e silencioso. E que o inferno é tumultuado e barulhento. Mas acredito, pensando ainda nos malandros e mau feitores, que lá no inferno deve ter alguém em silêncio também, planejando derrubar "o chefe". E olha que não é só lá não.

O silêncio, também, pode ser muito dolorido para alguém que precise de atenção ou respostas e é ignorado com a mudez maldosa.

Deixemos os que não merecem nosso tempo de lado, afinal,

o uso de qualquer ferramenta ou comportamento depende do caráter de quem as utiliza.

Voltemos a pensar e analisar o silêncio na sua essência e parte do nosso "eu" como positivo. O quanto podemos descobrir de nós mesmos no silêncio. Grandes decisões depois de reflexões na quietude que a mente precisa.

Engraçado pensar que ainda podemos classificar o silêncio em dinâmico e estático. Pode ?

Acho que não é difícil explicar a partir de outra premissa. A maior parte das religiões espiritualistas falam e praticam a vibração – que é uma forma de liberar energia, bons fluidos em favor de uma causa – que pode ser estática ou dinâmica (vibração é um fenômeno estudado pela mecânica). A vibração estática é causada sem uma pressão ou causa externa, um recolhimento íntimo, calmo, com excelente propósito. A vibração dinâmica, ao contrário, sofre uma ação externa, uma influência de alguém, que pode e deve ser positiva.

O silêncio, da mesma forma, pode vir de espontaneidade, um desejo de se aquietar, refletir, meditar e até entrar em transe causando uma vibração (sempre esperamos que seja boa). Considero que seja um silêncio estático, contudo, causará algum efeito, tanto interno como externo.

Ou o silêncio pode ser causado por uma ação externa, algo que cause um grande espanto ou situação de terror, que faça emudecer ou até aquelas situações que, de tão ridículas, pedem nossa mudez.

Mas, o mais importante é que, como criaturas do divino, fomos dotados de muitas ferramentas para a preservação da vida, preservação da espécie, para nossa própria evolução, criatividade, resiliência, e mais... da inteligência em buscar mais e mais, dentro de nós, até encontrar, talvez, respostas para tantas perguntas.

Para tanto, o silêncio é imprescindível, fazendo parte desse caminho.

E por fim, quando o espírito bom se desliga do último fio no plexo solar, e sai a bailar por planos angelicais, deixa o corpo guerreiro em seu silêncio eterno. 🌟



Roberto Rios

é pessoa com deficiência, cadeirante, Jornalista, palestrante, criador da secretaria da pessoa com deficiência de São Paulo/SP, 29 anos apresentando um programas de rádio e TV voltados para pessoas com deficiência. E-mail: rios.robertorodrigues@gmail.com



Uma ferramenta de acessibilidade e inclusão social para empresas que queiram conectar-se com pessoas surdas.

"Sou muito grato ao ICOM por me ajudar a romper as barreiras da comunicação."

**Diego de Lima
Curitiba/PR**

 contato-icom@ame-sp.org.br



Eliana Naete - Intérprete de LIBRAS



O coração invisível das mães atípicas

Ninguém nasce pronto para ser mãe. Mas quando a vida nos chama a ser mãe atípica, entramos em um território desconhecido, cheio de amor, mas também de dores e responsabilidades que ninguém fora dessa jornada consegue imaginar.

É viver entre extremos. Um dia, vibraremos com um olhar novo, uma palavra inesperada, um pequeno gesto que para muitos passaria despercebido... mas para nós, é uma vitória que muda a vida. No outro, choramos em silêncio, porque a força que todos aplaudem pesa mais do que a gente gostaria de admitir.

Ser mãe atípica é aprender a sorrir quando o coração está apertado. É abraçar o filho com intensidade dobrada, porque o medo do amanhã nunca sai do peito. É se perguntar, todos os dias: quem vai estar ao lado dele quando eu não puder mais estar?

E enquanto a sociedade nos chama de guerreiras, nós sabemos a verdade: não somos heroínas. Somos mulheres reais. Com cansaço, lágrimas, marcas no corpo e na alma. Mulheres que lutam contra escolas despreparadas, contra o descaso da saúde pública, contra a falta de acessibilidade e contra os olhares de piedade.

Falta muito para uma sociedade moldada aos PCD.

Porque, vamos ser sinceros: não há nada de inspirador em ter que carregar o filho no colo por 3 andares porque não existe elevador. Não há nada de heroico em faltar ao trabalho porque não existe transporte adaptado. Não há nada de romântico em viver noites em claro por falta de apoio.

A romantização da dor nos fere duas vezes: primeiro, porque inviabiliza nossa luta; segundo, porque nos rouba o direito de sermos frágeis, humanas, vulneráveis.

Mas, apesar disso, seguimos. Seguimos porque amamos. E o amor é combustível, mas também é faca de dois gumes: ele

nos fortalece, mas também nos faz sangrar.

Hoje, depois de anos nessa caminhada, eu entendi algo importante: não basta apenas resistir. É preciso transformar essa dor em voz. É preciso usar a experiência para abrir caminhos, para que outras mães e famílias não se sintam tão perdidas, tão sozinhas, tão invisíveis.

É por isso que meus próximos passos estão voltados para algo maior: palestras, encontros e rodas de conversa com familiares, cuidadores e, principalmente, mães atípicas. Quero dividir não apenas minhas cicatrizes, mas também minhas descobertas.

Quero mostrar que, sim, existe luz no fundo do túnel. Que, sim, há caminhos para resgatar a própria identidade, para encontrar apoio, para transformar lágrimas em passos firmes. Quero ajudar outras mães a perceber que elas não precisam carregar tudo sozinhas, que existem formas de se fortalecer, de criar redes de apoio, de respirar no meio da tempestade.

Não se trata de prometer soluções mágicas: — Porque não há !!!

Trata-se de oferecer acolhimento, compreensão e direção. De dizer: "Eu sei como você se sente, eu estive aí, mas existe uma forma de continuar. Você não está sozinha".

A verdade é que mães atípicas carregam o peso de dois mundos: o do filho e o da sociedade. Mas esse peso pode ser dividido, se aprendermos a nos unir, a compartilhar dores e vitórias, a nos apoiar.

E é isso que eu quero levar adiante: uma voz que incomoda, que cutuca, mas também que abraça e ilumina. Porque, enquanto o coração bater, ele não vai bater apenas por mim. Vai bater por todas as mães, filhos e famílias que ainda precisam ser vistas.

Até o dia em que nãoせjamos chamadas de guerreiras, mas de algo muito mais verdadeiro: pessoas, mulheres, mães. Inteiras, cansadas, humanas, mas cheias de amor.

UM AMOR QUE PODE TRANSFORMAR O MUNDO.

"Eu sei como você se sente, eu estive aí. Mas existe uma forma de continuar. Você não está sozinha".



Kelly Freymann

é Mãe atípica, palestrante - disponível para palestras em eventos, instituições, encontros e empresas. Téc.Nutrição, Gestão Pública e estudante Biomedicina.

E-mail: kellyfreymann777@gmail.com

A COP 30 e o legado da acessibilidade que não pode ser ignorado



A realização da 30ª Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas - a COP30 - em Belém/PA, marcada para novembro de 2025, trouxe à tona um debate urgente, mas ainda pouco explorado: a necessidade de investimentos em acessibilidade e inclusão em eventos globais dessa magnitude.

Enquanto grande parte das críticas se concentra, com razão, nos preços abusivos da rede hoteleira e nos custos bilionários da preparação, pouco se fala sobre o legado que poderia, e deveria, ser construído para pessoas com deficiência e para a mobilidade urbana de maneira geral.

Estive recentemente em Belém/PA e pude constatar que há reformas em andamento em espaços públicos e áreas estratégicas, do aeroporto às praças centrais. É verdade: ainda estamos longe de atingir o ideal. Rampas inacessíveis,

transporte público limitado e calçadas irregulares continuam sendo obstáculos diários para quem precisa se locomover com autonomia. No entanto, ignorar que esse evento pode acelerar transformações estruturais seria desperdiçar uma oportunidade histórica.

Grandes eventos internacionais, como as Olimpíadas ou a Copa do Mundo, costumam deixar marcas duradouras nas cidades-sede. Mas o que se observa é que, muitas vezes, os investimentos ficam restritos a áreas visíveis para turistas, en-

quanto a população local segue enfrentando dificuldades para acessar espaços básicos.

O legado da COP 30 precisa ser diferente: não pode ser apenas a construção de centros de convenções ou a ampliação da rede hoteleira. É fundamental que cada real investido também se traduza em rampas adequadas, transporte acessível, sinalização tátil, comunicação inclusiva e infraestrutura pensada para todos.

Essa não é uma responsabilidade exclusiva do governo federal. A iniciativa privada, que se beneficia diretamente do aumento do fluxo de visitantes, também deve assumir sua parte. Hotéis, restaurantes, empresas de transporte e espaços de eventos precisam estar comprometidos com padrões de acessibilidade que garantam igualdade de participação. E a sociedade, por sua vez, deve cobrar e fiscalizar para que o direito à inclusão não seja tratado como um detalhe secundário.

O Brasil, que busca afirmar-se no cenário internacional como liderança em sustentabilidade e bem-estar social, tem a chance de transformar a COP 30 em um marco de acessibilidade. Mas para isso, é preciso que a discussão vá além da disputa política e do cálculo eleitoral.

O verdadeiro legado de um evento global não pode ser medido apenas em cifras ou em manchetes, mas na qualidade de vida das pessoas que continuarão vivendo na cidade depois que as luzes do palco internacional se apagarem.

Se quisermos um país realmente protagonista, não basta sediar grandes conferências: é necessário garantir que todos possam participar delas. Inclusão não é luxo. É direito. E se a COP 30 não deixar esse legado, terá perdido a chance de ser lembrada não apenas como a "conferência do clima", mas como a oportunidade desperdiçada de mostrar ao mundo que o Brasil sabe cuidar de sua própria gente.



Valmir de Souza

é COO da Biomob, startup especializada em consultoria para acessibilidade arquitetônica, digital e atitudinal; criação e adaptação de sites e aplicativos às normas de acessibilidade; além de atuar na capacitação de pessoas com deficiência para o mercado de trabalho.

E-mail: biovalmir@gmail.com

Política de segurança contra incêndios para Pessoas com Deficiência e mobilidade reduzida



No Brasil, muitas empresas contratam pessoas com deficiência apenas para cumprir a lei de cotas sem, na maioria das vezes, adaptar o ambiente com os protocolos de segurança ao combate de incêndio adequados para estes perfis profissionais. Mesmo as auditorias promovidas pelo Ministério do Trabalho focam, principalmente, no cumprimento das cotas e nem sempre verificam se os sistemas de segurança estão inclusivos. Também as já tão consagradas brigadas de incêndio, equipes de segurança e gestores, em grande parte, não são treinadas de forma inclusiva para lidar com PCD ou com mobilidade reduzida em suas diversas situações de risco.

Por aqui, no Brasil, a política de segurança contra incêndios para funcionários com deficiência é regida por um conjunto de leis, normas regulamentadoras (NR), normas técnicas (ABNT), além de diversas dire-

trizes de Corpos de Bombeiros Estaduais. A ideia central e básica é que planos de emergência e combate a incêndios devem prever a acessibilidade e o atendimento adequado às pessoas com deficiência.

A prioridade é que elas tenham meios acessíveis para evacuar com segurança, enquanto o combate inicial fica sob responsabilidade de brigadistas. Estes, por sua vez são treinados no uso de cadeiras de evacuação, orientação para pessoas cegas, comunicação básica em libras, uso de máscaras adaptadas se for necessário, ou seja, sistemas com equipamentos e comunicação acessíveis que colaboram para o processo de evacuação, onde o PCD, mobilidade reduzida e idosos tem apenas um papel secundário na ação.

Analisando este cenário, podemos entender que a cultura organizacional brasileira ainda está muito voltada para “cumprir a lei de cotas” e pouco para a

inclusão real e proteção efetiva destes trabalhadores que representam mais de quatro milhões de pessoas.

Enfim, já pensaram que existe uma grande possibilidade de que um trabalhador com deficiência, com mobilidade reduzida ou uma pessoa idosa, possa estar trabalhando ou descansando em áreas onde aconteça um princípio de incêndio e nada poderá fazer para combatê-lo, pois uma grande maioria de empregados PCD não conseguem manipular os diversos modelos de extintores existentes no mercado e nem terão força, acesso ou treinamento para retirá-lo dos locais onde eles usualmente estão instados. Se isso pode ocorrer nas empresas, imagine nas suas casas, bem como em seus veículos.

Foi pensando nisso que o Instituto Humanus para pessoas com deficiência, uma entidade do terceiro setor, especializada no desenvolvimento de soluções em tec-

NOTA



nologias assistivas para idosos e PCD, tendo sido consagrada durante a pandemia de Covid 19, com o desenvolvimento da “Transparent Mask”, uma máscara totalmente transparente e com filtros de nanoprotá, desenvolvida para a comunicação de pessoas com deficiência auditiva, pois permitia a leitura de lábios e que acabou conquistando todo o mercado com a venda de mais de 300 mil unidades; vem trabalhando ativamente para colocar no mercado das pessoas com deficiência e idosos um produto inédito no combate ao princípio de incêndio, o “Fogo Zero”.

O “Fogo Zero” é uma unidade Spray Extintora Portátil, que pode ser utilizada por qualquer pessoa com ou sem experiência no combate da origem do incêndio. Este produto de alta tecnologia assistiva permite que os empregados com deficiência, mobilidade reduzida e idosos possam se transformar em verdadeiros brigadistas no combate ao princípio de incêndio, sem a necessidade de muito esforço



ou de grandes malabarismos, podendo salvar suas vidas e a de seus colegas de trabalho, além de criar uma verdadeira ação inclusiva no processo de segurança e combate a incêndios nas corporações, no lar, no carro e ondes estiverem.

Afinal, o produto promove uma extinção rápida das chamas; apaga qualquer tipo de fogo, sem precisar de uma variedade de extintores específicos; não permite a propagação e a volta das chamas, pois esfria a temperatura de combustão dos materiais; é atóxico; não causa alergias ao contato com a pele; é biodegradável estando em conformidade com as políticas de proteção ambiental; sua embalagem tem inscrições em braile; enfim... o “Fogo Zero” - www.fozogerooficial.com.br - é a solução em tecnologia assistiva ao combate do princípio de incêndio que faltava na sua empresa, casa, no seu carro, no dia a dia das pessoas com deficiência, idosos, pessoas com mobilidade reduzida, comorbidades, enfim: para o público em geral.

O produto está sendo colocado neste potencial mercado com embalagens na versão de 600 ml, possui válvula com tecnologia de acionamento 360 graus, podendo ser disparado de qualquer posição e sem interrupção e ainda tem a validade de 3 anos, garante o Sr. Thomas Juergen Berner, da Prevenção, comércio, importação e exportação de artigos de Segurança, que é uma empresa associada ao Instituto Humanus e que participarão em conjunto durante o Evento da Reatech no próximo mês de Novembro. Agora, as empresas poderão investir neste inédito sistema de segurança e combate ao princípio de incêndio, integrar as pessoas com deficiência e idosos nos planos de emergência, promovendo a inclusão em todos os sentidos, mesmo nos momentos de maior periculosidade.



Rodolfo Sonnewend

é presidente do Instituto Humanus, entidade do terceiro setor que está desenvolvendo a temática da empregabilidade das Pessoas com deficiência junto ao poder público.
E-mail: contato@institutohumanus.org.br



Tarde Literária une moda, superação e solidariedade em prol do AVC

No dia 1º de novembro de 2025, o charmoso brechó “Borogodó do Brechó”, na Vila Madalena, será palco de uma tarde inspiradora. A escritora Ana Beatriz Prudente Alckmin escolheu o espaço fundado por Erika Nigro para o lançamento e debate de seu novo livro “Ela, Sua Gata e Tel Aviv”, que aborda temas como moda sustentável e propósito.

O evento terá um coquetel com roda literária, e parte da renda será revertida para a ABAVAC - Associação Brasileira de Apoio às Vítimas de AVC.

Mais do que um encontro literário, a ocasião celebra histórias de superação. Erika, idealizadora do “Borogodó do Brechó”, enfrentou dois AVCs severos que a deixaram em coma e com sequelas motoras. Dois anos depois, ela transformou a dor em força: reaprendeu a andar, voltou a trabalhar e se tornou mãe novamente, abrindo seu brechó como símbolo de resiliência e novos começos.

“Tive uma nova chance e tento tirar o melhor proveito disso. Não me privo de nada — levo a vida com leveza e gratidão”, conta Erika.

O encontro promete unir literatura, empatia e moda consciente — um verdadeiro manifesto pela vida e pela reinvenção.

O brechó “Borogodó do Brechó”, fica na Rua Fradique Coutinho, 944 - Vila Madalena – zona oeste da capital paulista, e o evento será das 10h às 18h30.

Arujá/SP avança em políticas de inclusão e recebe novo Diretor para a pasta da Pessoa com Deficiência



Acidade de Arujá/SP, na grande SP, vem se destacando na chamada região do Alto Tietê, pela ampliação de políticas públicas voltadas à inclusão e à acessibilidade. Em diferentes áreas, o município tem garantido novas oportunidades de participação social, fortalecendo o atendimento e a integração das pessoas com deficiência aos serviços públicos. Esse trabalho ganhou novo impulso em setembro deste ano, com a chegada de Ronilson Silva à Diretoria da Pessoa com Deficiência, vinculada à Secretaria da Mulher, Pessoa com Deficiência e Igualdade Racial, criada em 2024.

Com ampla experiência na gestão de entidades e conselhos dedicados à inclusão, Ronilson traz ao município um histórico de liderança e diálogo. Foi presidente da AINDEF – Associação de Inclusão Social da Pessoa com Deficiência (2011–2016) e do Conselho Estadual para Assuntos da Pessoa com Deficiência de São Paulo (2013–2014), além de ter atuado como vereador em Teodoro Sampaio (2009–2012) e chefe de gabinete em Goiânia/GO do vereador cadeirante reeleito Willian Veloso (2021–2025). Também participou da direção da AGORA – Associação Goiana de Doenças Raras, do Instituto Salto Azul, instituição de referência em reabilitação de pessoas com autismo e atuou como responsável jurídico da ABRIDEF – Associação Brasileira da Indústria, Comércio e Serviços de Tecnologia Assistiva para Pessoas com Deficiência (2015–2021).

Com a nomeação de Ronilson Silva, Arujá/SP dá continuidade e fortalece o trabalho iniciado por Hadassa Machado, primeira diretora da pasta, falecida em agosto.

Iniciativas que transformam a inclusão em ação

A chegada do novo diretor reforça um conjunto de políticas implantadas durante a gestão do prefeito Dr. Luis Camargo, reeleito em 2024. Desde o início do mandato, o município vem ampliando o alcance das ações voltadas à pessoa com deficiência, com resultados visíveis em áreas como educação, esporte e assistência social.

Entre os destaques estão as oficinas de Libras nos 3 Centros de Convivência da Criança e do Adolescente (CCCA), Mirante, Barreto e Centro, que atendem mais de 180 participantes.

A cidade também ultrapassou 500 emissões da Carteira de Identificação da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (CIPTEA), documento que garante prioridade e acesso a direitos, disponível online e presencialmente.

Na assistência social, 1.117 pessoas com deficiência recebem o Benefício de Prestação Continuada (BPC). Para evitar a perda do benefício, a Prefeitura realizou em 2024 uma ampla atualização cadastral, regularizando mais de 2.300 cadastros desatualizados desde 2017 — ação que assegurou renda mínima a centenas de famílias em situação de vulnerabilidade.

Outro avanço importante é a parceria com o Centro de Treinamento Paralímpico de São Paulo, firmada junto ao Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB). Atualmente, 21 jovens atletas arujenses participam dos projetos Escola Paralímpica de Esportes e Reabilitar, administrados pela Diretoria da Pessoa com Deficiência. O município também promoveu capacitações com professores e estagiários do Programa Viva Esporte, ampliando o incentivo ao esporte inclusivo. As ações de conscientização também seguem ativas, com oficinas, campanhas educativas e eventos alusivos às datas de mobilização.

Compromisso renovado com o futuro

O fortalecimento das políticas para pessoas com deficiência em Arujá/SP mostra que inclusão já faz parte da identidade da cidade.

Com resultados consistentes e uma gestão comprometida com o diálogo, Arujá demonstra que a construção de uma cidade inclusiva é possível, e inspira outras cidades da região a seguirem pelo mesmo caminho.

“Como pessoa com deficiência e profissional do direito com experiência no Poder Legislativo, é com muita honra que assumo a diretoria da pessoa com deficiência em Arujá/SP. Depois de tantos anos de trabalho ligado ao segmento, tenho certeza que posso contribuir muito para o município e fazer muito pelos cidadãos arujaenses no que diz respeito à essa questão e tudo que envolve o segmento da pessoa com deficiência”, afirma Ronilson Silva.



Motor 1.0 Turbo: Será que o desempenho vai atender minhas expectativas ?

Muitos motoristas tem essa dúvida na hora de trocar de carro, principalmente pessoas com deficiência, que precisam de um veículo seguro em todos os sentidos.

Quem não se lembra de carros que “gemiam” em uma subida mais íngreme ou câmbios que davam “tranco”, gerando uma insegurança danada nos motoristas ? Então, isso é passado.

Mas, mesmo assim, o brasileiro ainda carrega um reflexo antigo: a ideia de que motor 1.0 representa fragilidade, falta de segurança em ultrapassagens e dificuldade em uso rodoviário ou com carga. Essa percepção podia ser verdadeira há 10 ou 20 anos – hoje, ela se baseia na memória e não na engenharia.

A indústria automotiva global passou por uma reorganização técnica tão profunda, que simplesmente aboliu a verdade antiga de que “pequeno é fraco”. Os motores 1.0 turbo atuais não são uma versão menor dos motores grandes: são uma outra geração de motores.

Eficiência que entrega resultado real e não apenas no laboratório

O motor Renault TCe 1.0 turbo, que equipa o Renault Kardian 2025, é um exemplo emblemático desse salto de engenharia. Ele foi projetado não apenas para atingir números de potência e torque elevados para sua cilindrada, mas para entregar esses resultados na faixa de rotação onde a maior parte da condução acontece: nas saídas, nas retomadas curtas, nas subidas de velocidade urbana e nos momentos em que é necessário gás imediato. O ganho não está mais na força “no papel”, e sim, na disponibilidade prática dela em uso real.

O consumidor percebe isso ao dirigir: o carro responde antes, exige menos pedal (ou alavanca, quando adaptado para PCD), realiza retomadas mais curtas, mantém velocidade com facilidade - mesmo

com mais peso - tudo isso com consumo reduzido e funcionamento suave. Não se trata apenas de um motor menor “com ajuda do turbo”, mas de um conjunto projetado para gerar desempenho inteligente - disponível quando se precisa e silencioso quando não.

O conjunto motor + câmbio como unidade funcional e não como peças somadas

A experiência ao volante desses veículos não é explicada isolando o motor. O que redefine o comportamento é o casamento do motor turbo com transmissões calibradas para explorar o torque disponível desde cedo, como o CVT por exemplo. No caso dos conjuntos modernos, a transmissão atua como “estrategista”: evita rotações inúteis, mantém o motor sempre na zona de maior eficiência, antecipa necessidade de resposta e reduz esforço mecânico.

Essa sintonia resulta em 3 efeitos perceptíveis para o usuário:

1 - Sensação de agilidade constante, sem esforço sonoro.

2 - Menor necessidade de acelerar fundo para obter resposta.

3 - Consumo mais baixo mesmo em situações de trânsito pesado.

Motor e câmbio deixaram de ser componentes independentes; hoje funcionam como um único sistema de entrega de desempenho.

A aceitação do “downsizing” não veio do marketing, veio do mercado real

A adoção em larga escala dos motores turbo de baixa cilindrada não se deu



por experimentação ou modismo, mas por maturidade industrial. Reguladores passaram a exigir eficiência energética, consumidores passaram a punir consumo exagerado e montadoras responderam com engenharia. Quando várias marcas chegam à mesma solução técnica, não é coincidência: é convergência.

O mercado brasileiro acompanhou o movimento global: quem dirige modelos com motores compactos turbo percebe que o suposto “sacrifício de desempenho” não existe. Ao contrário: há ganho prático com economia. A aceitação veio de baixo para cima - do volante para a indústria - e não da publicidade para o motorista.

A crença antiga não acompanhou a evolução dos carros, ficou para trás

Persistir na antiga crença de que 1.0 é fraco, em 2025, não é cautela, é atraso de referência. O consumidor que rejeita o 1.0 turbo por medo, não está escolhendo segurança: está abrindo mão de uma solução que entrega mais e custa menos para mover.

Em 2025, a discussão não é mais se motor 1.0 turbo “dá conta” - a questão é perceber que ele passou a ser a solução que faz mais sentido técnico, econômico e prático para o uso real por pessoas com ou sem deficiências. 🚗

Agradecimentos Renault do Brasil - www.renault.com.br
Sinal France Barueri - www.gruposinal.com.br/renault/lojas



Renato Baccarelli

é consultor especializado em automóveis e adaptações para pessoas com deficiência, palestrante, responsável pela Car Mobility Acessoria Veicular PCD e consultor técnico da Revista Reação.

E-mail: bacca@carmobility.com.br

Porque sempre voltamos no mesmo ponto?



Todos os dias nos deparamos com notícias nas redes sociais, noticiários na televisão, boca a boca, enfim, não importa como sabemos, mas qual o teor da notícia que sempre nos tristece e parece que não tem fim.

A pauta aqui hoje vou abordar é sobre militância da mulher com deficiência e neste momento você deve estar se perguntando, quais notícias que ela está se referindo?

É sobre a violência, a omissão, falta de estatísticas e dados completos para que tenhamos uma real visão sobre a situação desta mulher, há a discussão sobre feminicídio e violência de mulheres, mas onde nós estamos?

Nunca aparecemos em lugar nenhum e desta forma, temos a impressão e a sensação que ninguém nos agride, nos mata, nos estupram. É como se fosse um mundo à parte.

Onde está o movimento de mulheres que não nos olham com igualdade para que sejam feitas políticas públicas corretas e com alcance a todas?

Sei que é um assunto repetitivo, mas de extrema importância, pois há bem pouco tempo em minha cidade, tivemos uma reunião na Secretaria da Mulher com o tema sobre “violência contra a mulher com deficiência”. Deixou-me intrigada todo discurso enumerando o que já existe de proteção e acolhimento nestes casos, porém, é tudo muito arcaico e sem planejamento, o que na maioria não atende as nossas necessidades e especificidades. No momento que eu perguntei como era o atendimento em relação a nós, não souberam responder com precisão e satisfação.

Faço parte de um grupo de mulheres com deficiência, militantes a um longo tempo e que estavam cuidando de suas próprias vidas, deixando as lutas para as mais jovens, porém, várias de nós tiveram que voltar às trincheiras, porque a todo momento observávamos ataques em nossas conquistas e foi preciso engrossar as fileiras novamente para que fascistas e omissos não passem e não prejudiquem todo um trabalho e o movimento.

No início, foi para formatar a “Conferência Livre da Mulher” e, por excesso de demanda em Brasília/DF, não conseguimos fazê-la, porque o prazo foi encurtado. No entanto, reuniram-se 22 mulheres com deficiência, entre jovens e outras com mais idade e experiência, no intuito e engajamento de luta para que outras venham engrossar as fileiras e as vozes daquelas que por algum motivo não conseguem chegar até um acolhimento decente.

Desta ânsia, nasceu “As Valentinhas” ou “Coletivo Valentinhas”, com uma diversidade, riqueza de ideias e experiências que nos enchem de orgulho, vontade de fazer a diferença; mulheres divergentes e questionadoras que olham o social como se fosse a sua própria casa, pois nós vivemos nele, ao qual somos todos os dias violadas, caladas e desmobilizadas para dar continuidade na luta em nossos direitos.

Somos frutos de famílias e sociedade extremamente capacitistas, ora com desculpa de estar nos protegendo, ora calando as nossas vozes como se fôssemos inadequadas na beleza e no convívio social e estrutural, imposta por pessoas que não sabem lidar com a diversidade.

Sociedade composta dos Movimentos Feministas capacitistas, até mesmo nas políticas públicas em relação a mulher com deficiência, que sempre viveu na invisibilidade e graças a diversas companheiras, que se incomodaram com essas pautas, que na verdade são discutidas na maioria das vezes sem a presença das pessoas interessadas, comprovando o capacitismo estrutural que vivemos.

Fico refletindo sobre isso e me incomoda muito, porque quem pode falar sobre o que sente, a vivência e o medo é quem está no papel da vítima. Será tão difícil assim dar voz para quem realmente sabe o tamanho do caos que vive quando a violência imposta como normalidade em sua vida?

Qual a dificuldade de olhar nos olhos e compreender que somos capazes de construir e discutir políticas públicas sobre diversos assuntos envolvendo as nossas vivências e especificidades?

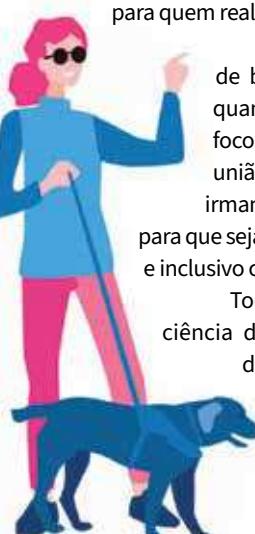
As “Valentinhas” ou “Coletivo Valentinhas” - ainda em construção - vieram para incomodar e também se juntar com outras mulheres, outras Instituições, ONGs, Associações e Coletivos, para que realmente tenhamos vozes e sejamos respeitadas em nossos espaços de discussão e fomentação de políticas públicas corretas, que realmente nos atendam e venham trazer a diferença para quem realmente precisa.

Nada de disputa, queda de braço, guerra de poder, pois quando dividimos perdemos o foco e a força, a mobilização, a união, a sororidade, empatia e irmandade agora é fundamental para que seja feito um trabalho qualitativo e inclusivo com espírito de união e amor.

Todas as mulheres com deficiência de qualquer idade se unam, dêem as mãos e vamos à luta.

Aqui ninguém solta a mão de ninguém!

Até a próxima! 



Márcia Gori

é mulher com deficiência, cadeirante, fundadora da ONG “Essas Mulheres”, “Coletivo Valentinhas”, candomblecista, palestrante sobre Mulheres com deficiência e sua sexualidade, articulista da Revista Reação e consultora da ABRIDEF.

E-mail: marcia.gori@hotmail.com



Objetivos de Desenvolvimento Sustentável – ODS

AAgenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável, adotada por todos os Estados Membros das Nações Unidas em 2015, fornece um plano compartilhado para a paz e a prosperidade das pessoas e do planeta, agora e no futuro. Em seu cerne estão os 17 ODS - Objetivos de Desenvolvimento Sustentável - que são um apelo urgente à ação de todos os países - desenvolvidos e em desenvolvimento - em uma parceria global.

Eles reconhecem que acabar com a pobreza e outras privações deve andar de mãos dadas com estratégias que melhoram a saúde e a educação, reduzem a desigualdade e estimulem o crescimento econômico - ao mesmo tempo em que combatem as mudanças climáticas e trabalham para preservar nossos oceanos e florestas.

Analiticamente as metas de desenvolvimento sustentável - ODS - são as seguintes:



ODS 1 - Acabar com a pobreza em todas as suas formas em todos os lugares.



ODS 2 - Acabar com a fome, alcançar a segurança alimentar e melhorar a nutrição e promover a agricultura sustentável.



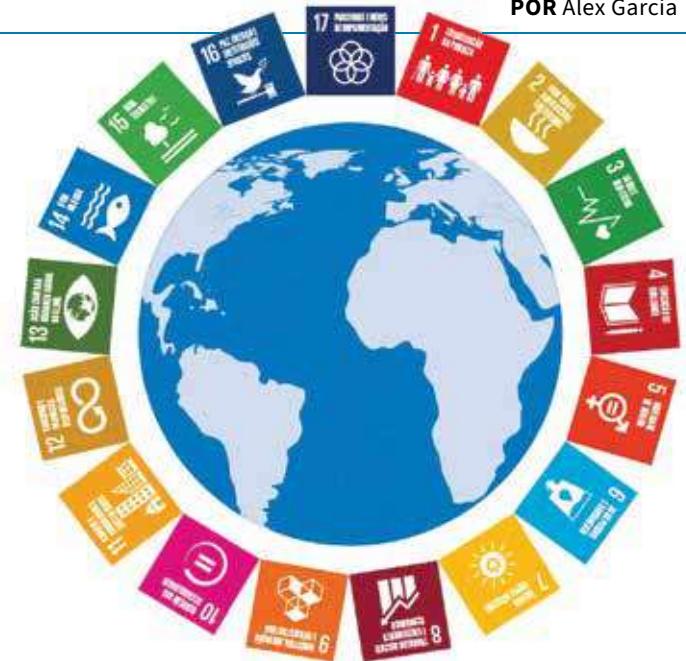
ODS 3 - Assegurar uma vida saudável e promover o bem-estar para todos, em todas as idades.



ODS 4 - Assegurar uma educação de qualidade inclusiva e equitativa e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos.

Logicamente, este ODS 4 se relaciona com nossas atividades, portanto, vale refletir: o ODS se destina diretamente as Pessoas com Deficiência, Pessoas com Doenças Raras, Pessoas com Doença Mental etc. É amplamente observável, evidente, que os Países - particularmente o Brasil - distorce este objetivo.

O termo equitativo que consta no objetivo, só é possível alcançar considerando a diversidade-pluralidade das condições - Necessidades e Habilidades - de cada pessoa. Não é possível - tecnicamente - que este objetivo de fato aconteça "juntando" a esmo as distintas condições, distintas necessidades e habilidades - como acontece na chamada Inclusão Total que a anos vivemos no Brasil.



Para ser Inclusiva e Equitativa a Educação deve ser quanto mais individualizada, melhor, respeitando, portanto, o SER de cada um. Ou seja, é a soma das partes que compõe o todo e não o contrário. Em nossos países Latino-americanos, a variabilidade corruptiva é altíssima – entender a variabilidade com os meios que se entrelaçam para dar corpo a ações de corrupção e relações de poder desiguais.

No Brasil, em todas as esferas, meios etc... a corrupção está presente em algum grau. A corrupção Ética-Moral, por exemplo, está "maquiando" este objetivo com a "Inclusão - Equidade" das Pessoas com Deficiência. Mais Frequentes, aquelas mais visíveis e de Menor complexidade. Como estas são maioria, a "maquiagem" toma corpo e ares de verdade. Porém, as Pessoas Menos Frequentes, as menos visíveis e de Maior complexidade, não estão sendo consideradas, ou seja, o absoluto detimento recai sobre estas.

Para que este objetivo possa se concretizar, muitas variáveis devem ser controladas. Conhecendo a alta complexidade, eu acrescentaria a este objetivo o termo "Dignidade", visto que milhares de pessoas com deficiência, apesar dos esforços, podem não alcançar um desenvolvimento considerado razoável, e sim, irão viver uma vida de dependência absoluta, porém, com dignidade.



ODS 5 - Alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas.



ODS 6 - Assegurar a disponibilidade e gestão sustentável de água e saneamento para todos.



ODS 7 - Assegurar o acesso à energia acessível, confiável, sustentável e moderna para todos.



ODS 8 - Promover crescimento econômico sustentado, inclusivo e sustentável, emprego pleno e produtivo e trabalho decente para todos.



ODS 9 - Construir infraestrutura resiliente, promover a industrialização inclusiva e sustentável e fomentar a inovação.



ODS 10 - Reduzir a desigualdade dentro e entre os países.



ODS 11 - Tornar as cidades e os assentamentos humanos inclusivos, seguros, resilientes e sustentáveis.



ODS 12 - Assegurar padrões sustentáveis de consumo e produção.



ODS 13 - Tomar medidas urgentes para combater as mudanças climáticas e seus impactos.



ODS 14 - Conservar e usar de forma sustentável os oceanos, mares e recursos marinhos para o desenvolvimento sustentável.



ODS 15 - Proteger, restaurar e promover o uso sustentável dos ecossistemas terrestres, manejando florestas de forma sustentável, combater a desertificação e deter e reverter a degradação da terra e deter a perda de biodiversidade.



ODS 16 - Promover sociedades pacíficas e inclusivas para o desenvolvimento sustentável, proporcionar acesso à justiça para todos e construir instituições eficazes, responsáveis e inclusivas em todos os níveis.



ODS 17 - Fortalecer os meios de implementação e revitalizar a parceria global para o desenvolvimento sustentável.



Alex Garcia
é pessoa
Surdocega
com Hidrocefalia
e Doença Rara
(Brasil).

Site: www.agapasm.com.br

Cantora e Compositora Luzia Soares



Carmelita convidou Luzia, com 11 anos, para ir à igreja Pentecostal da Bíblia. Ela gostou muito dos hinos e do som do órgão e todo domingo uma moça chamada Zenita a ensinava a tocar violão.

No Natal de 1991 ganhou de presente 14 volumes do Novo Testamento em Braille, vindos de Portugal, que lia por cerca de 2 horas ao dia. Em 1992, durante as férias, compôs sua primeira letra de música e nesse mesmo ano foram 11 canções compostas. Algum tempo depois começou a frequentar a Escola de Música de Arujá/SP – região metropolitana da capital – onde aprendeu flauta doce, escala e coral. Ela gravou o seu CD – “Portas Abertas” – independente, e ganhou de amigas um violão que denominou “Fofinho”.

Nas cidades vizinhas, ia cantar como solista com o coral, e participou do Programa de TV “Viola, Minha Viola”, com Inezita Barroso.

Em 2005, ganhou o primeiro lugar em um Concurso em Arujá/SP com o tema da cidade – natureza - e um jurado a presenteou com um novo violão elétrico, que ela chamou de “Fofão”.

Na Escola Estadual Rui Bloem, fizeram donativos e compraram sua máquina Braille. Muitas de suas 92 músicas foram escritas nela.

Atualmente está morando em Campo Belo/MG e tem vídeos no Facebook e no Youtube.

Parabéns pelo talento !



Celise Melo (Celelê)
é cantora, compositora, musicoterapeuta, atriz, educadora, autora e é sucesso de público no Brasil e Exterior. Tem Livros, EPs, DVDs, Shows, Vídeos, Músicas, Programas de TV Educativo e de Rádio Arte e Inclusão!
Site: www.celeleemigos.com.br
Instagram: @celeleemigos

NA RENAULT SINAL FRANCE VOCÊ ENCONTRA AS MELHORES OFERTAS PCD

MOBILIZE
FINANCIAL SERVICES

Renault Pro+

TAXA
APARTIR DE 0%



BOREAL LANÇAMENTO EVOLUTION

1.3 Turbo Flex 2026

ISENÇÃO DE IPI

A PARTIR DE
R\$ 151.720

- Multimídia de 10"
- Frenagem automática de emergência
- Alerta de colisão frontal
- Assistente de permanência em faixa
- Sensor de chuva e luminosidade
- 6 airbags
- Console central elevado com compartimento refrigerado
- Rodas de liga leve 18"



KARDIAN AUTHENTIC

1.0 Turbo Flex 2026

ISENÇÃO DE IPI E ICMS

A PARTIR DE **R\$ 97.307**

- Multimídia de 8"
- 6 airbags
- Sensor de estacionamento
- Câmbio Automático e-shifter e paddle-shift



SINAL FRANCE



CONTATO
PARA ATENDIMENTO
(11)5683-8115



BYD Dolphin + BYD Song Pro + BYD King

Em um test-drive triplo da marca líder no segmento, vamos conhecer 3 modelos em categorias diferentes, que vem conquistando as ruas do Brasil e o coração dos consumidores, inclusive das PCD



BYD Dolphin: 100% elétrico

ARevista Reação, mais uma vez em parceria com a montadora chinesa BYD, realizou uma série de testes com 3 modelos da marca, para trazer até nossos leitores e seguidores, uma avaliação geral – mas do ponto de vista específico dos usuários com deficiência e seus familiares, levando em conta os detalhes que fazem a diferença no seu uso diária.

Testamos um a um, o BYD Dolphin (compacto elétrico), Song Pro (SUV híbrido) e do King (sedan super híbrido), com nossos profissionais exclusivos e PCD voluntárias, com diversas necessidades e mobilidades específicas. Vamos conhecer melhor:

Quando esse modelo foi lançado no Brasil, veio para ser a revolução no mercado automotivo, por ser totalmente elétrico e com um pacote de tecnologia surpreendente pelo valor do carro, até porque, o governo incentivou com isenção de alguns impostos, além do benefício de não pagar IPVA e ser livre de rodízio para quem é da capital paulista, por exemplo.

A cada dia que passa o Dolphin e o seu irmão mais novo – Dolphin Mini, que nós já testamos – são mais vistos pelas ruas das grandes cidades do nosso País.

O modelo é elétrico e importado da China. Apesar de compacto, ele tem o mesmo tamanho que alguns outros concorrentes considerados SUV.



Design, desempenho, conforto, bateria, autonomia e espaço interno

Com linhas modernas, ele é bem parecido com o Dolphin Mini visualmente falando, chamando atenção em alguns detalhes externos, como a grade dianteira pequena e fechada com o logo da BYD em destaque, os faróis full LED e a saia dianteira marcante. As linhas laterais tem detalhes que diferenciam com linhas retilíneas que se encontram vindas da traseira se encontrando com sulcos na lataria no meio das portas dianteiras. Linhas modernas e de muito bom gosto, que harmonizam com a traseira com lanternas escuras com frisos vermelhos LED, que passam horizontalmente por toda tampa traseira e invadindo as laterais. Na parte escura, os dizeres "Build Your Dreams", frase que, com suas iniciais, gerou a marca BYD. A saia traseira tem a mesma linha de design arrojado da saia dianteira. As rodas são aro 16, diamantadas com aplicação em preto com 5 raios.

A potência elétrica de 95 cv do Dolphin agrada e deixa o modelo ágil e gostoso de dirigir na cidade. A sua aceleração, por ser elétrico, não tem o delay comum

nos modelos de motorização a combustão quando aceleramos. A resposta do acelerador é imediata. E tudo isso no mais absoluto silêncio.

Na estrada ele também surpreende e é gostoso de dirigir. A velocidade máxima do modelo é limitada em 150 km/h. Ele possui dois tipos de modos de condução: o ECO e o SPORT. A diferença está na resposta do acelerador, que fica mais ágil no modo esportivo. Tanto na estrada como na cidade, o modelo é confortável, com sua suspensão bem ajustada mesmo em solos irregulares, absorvendo os impactos sem batidas secas comuns em modelos mais compactos.

O espaço interno é um ponto alto, tanto para o condutor – motorista – como para o passageiro da frente e os passageiros do banco de trás.

O que mais chama mesmo a atenção – assim como em todos os modelos da marca – é a central multimídia giratória no centro do painel, com 12,8 polegadas, intuitiva, com GPS integrado e que inclusive aponta até onde estão os postos de carregamento de bateria mais próximos. Tem Spotify integrado e câmera 360 com diversas configurações. O modelo ficou devendo o Apple CarPlay e Android Auto sem fio. Para conectar é preciso colocar o conector com fio no celular.

O painel de instrumentos digital é pequeno, com 5 polegadas. O seletor de marcha é um pequeno seletor no painel. O freio de estacionamento é eletrônico e aciona sozinho quando desliga o carro. A partida é por botão e a chave é de acionamento automático. Ele também tem sensor de ré,

direção elétrica, ABS, controle de tração e estabilidade. Os espelhos retrovisores tem ajuste elétrico, trava elétrica e 6 airbags.

O console central dá um certo ar de requinte por sua elevação. Os botões de comando ficam bem ao alcance, o que atende os quesitos de acessibilidade para o condutor PCD. O carro também tem porta-objetos e porta-copos.

O acabamento interno não é luxuoso, mas tem detalhes acolchoados no painel. Os ajustes de banco são manuais. Os bancos tem um estilo mais esportivo, que abraçam o motorista e os passageiros.

A bateria é de lítio-ferro-fosfato e tem 8 anos de garantia sem limite de Km. A economia é sem dúvida, muito grande quando comparado a um veículo a combustão. Para carregar 100% a bateria num carregador wallbox – aquelas estações de recarga que ficam fixadas na parede, tanto nas garagens de prédios ou casas, local de trabalho ou pontos de recarga pagos em shoppings, padarias, e outros locais – leva cerca de 7 horas. O modelo também vem com um carregador portátil em uma bolsinha no porta-malas, para emergências, carregável em tomadas 220V com aterramento.

Mesmo com boa autonomia, ainda é arriscado percorrer distâncias de mais de 200 a 300 km em estrada com o Dolphin. Agora, para viagens curtas e uso urbano é perfeito.

Para cadeirantes, o porta-malas é pequeno

O porta-malas tem capacidade para 250 litros. Não é um tamanho ruim, para um modelo hatch compacto. Porém, mesmo retirando o tampão traseiro, não cabe uma cadeira de rodas sem desmontar toda. Apenas se rebater os bancos, assim transporta cadeiras de rodas tanto dobráveis como monobloco.





BYD Song Pro: SUV híbrido e confortável

O SUV BYD Song Pro Híbrido plug-in tem motor a combustão com propulsor elétrico. O modelo – irmão mais novo do Song Plus – foi todo reformulado para o mercado brasileiro, com motor 1.5 DM-i a combustão bi-combustível. Isso faz com que o carro ande tanto no modo 100% elétrico, com uma autonomia menor, ou utilize o motor a combustão junto com a bateria elétrica, fazendo com que o modelo surpreenda pela sua grande economia de combustível e autonomia, que pode até ser superior a 1.200 km.

A BYD divulgou inclusive, há alguns meses, durante a inauguração da sua fábrica em Camaçari/BA, que o modelo Song Pro é um dos primeiros modelos da marca a ser produzido no Brasil. Hoje o modelo já é o híbrido mais vendido no Brasil.

Design, desempenho, conforto, bateria, autonomia e espaço interno

O Song Pro tem 223 cv de potência na versão de entrada e 235 cv na opção mais cara. A tração é dianteira com câmbio automático e-CVT. Mesmo sem um motor turbo, o modelo tem um ótimo desempenho – parte disso por conta do motor elétrico com 197 cv de potência. O SUV médio anda muito bem, tanto no modo

somente elétrico, onde pode chegar a 120 km/h, como no híbrido, onde chega a uma velocidade máxima de 185 km/h.

Como o Song Pro é híbrido, o carregamento da sua bateria com carregador de parede é muito rápido, em pouco mais de 2 horas. Porém esse carregamento externo é praticamente desnecessário, pois o modelo se auto recarrega e esse sistema funciona muito bem e é autossuficiente.

A beleza do design já tradicional nos modelos BYD, também vem no Song Pro como destaque. Ele lembra muito o seu irmão mais velho e maior, o Song Plus. A grande frontal larga e o logo BYD na faixa de aço escovado, harmonizam com os faróis dianteiros. A lateral tem traços limpos e detalhes em aço escovado entre o corpo do carro e o teto na parte de trás, e no rodapé lateral. A traseira limpa, com lanternas em LED estreitas, que abraçam de lado a lado, dão um ar de requinte ao modelo.

O acabamento interno do Song Pro é surpreendente e refinado, com uso de tecidos emborrachados, plástico e revestimento sintético no painel e nas portas, destacando os detalhes delicados em aço escovado. O clássico multimídia giratório e intuitivo no centro do painel são marcantes. O console é robusto, com ala-

vanca de câmbio ergonômica e vários comandos de fácil acesso, como o botão de opção de condução elétrica ou híbrida, e a escolha do modo de condução: Eco, Sport e Normal. Os bancos tem design ergonômico e muito bonito, com ajuste elétrico e muito confortáveis. O acesso aos comandos do painel do carro são muito confiáveis e tranquilos para as pessoas com deficiência. O volante, com comandos à mão, tem ainda uma boa empunhadura.

O modelo ótimo conjunto de suspensão é extremamente macio. Como sendo um SUV, o assento do banco do motorista e passageiro tem ótima altura em relação ao solo, facilitando a entrada e saída de idosos ou pessoas com mobilidade reduzida, além de ter acesso facilitado também para quem usa cadeira de rodas, tornando a transferência mais suave e sem grande esforço da cadeira para o carro e do carro para a cadeira.

Outro ponto alto do modelo é o espaço interno. Tanto os passageiros de trás – onde o assoalho plano da uma amplitude maior – como o passageiro da frente, todos tem muito conforto, sem falar do condutor, o motorista tem regulagem de altura e profundidade do volante e também, ajuste de altura do banco.



Um porta-malas bastante grande

Espaço realmente não é problema no Song Pro, principalmente no que diz respeito ao porta-malas do modelo, que tem capacidade de 520 litros, cabendo tranquilamente cadeiras de rodas motorizadas e scooters quando os bancos são rebatidos, e cadeiras de rodas manuais dobráveis ou monobloco, mesmo sem retirar o tampão. Isso faz do modelo uma excelente opção para famílias que viajam e precisam levar, além da cadeira de rodas, ainda as bagagens.

O fato do modelo não possuir estepe, faz com que o espaço do porta-malas seja privilegiado. No lugar do estepe, o Song Pro vem com um kit de reparo de pneus com selante.





BYD King: o sedan super híbrido mais econômico do Brasil

A BYD lançou o seu modelo sedan King híbrido plug-in - recarregável - no Brasil, em julho de 2024. Na ocasião ele era o mais barato da sua categoria no Brasil. Apresentando uma excelente relação custo x benefício, bastaram apenas alguns meses para que o King assumisse a liderança nas vendas por aqui. Ele vem, tanto a versão de entrada GL quanto a topo de linha GS com um conjunto híbrido plug-in e motor 1.5 aspirado a gasolina de 110 cv acoplado a um câmbio e-CVT.

O modelo sincroniza muito bem o uso do motor elétrico e do motor a combustão. Com a bateria carregada acima de 25% o King passa a usar mais o motor 1.5 à gasolina como gerador, funcionando como híbrido. Desta forma, assim com o SUV Song Pro, o sedan King também tem carregamento autônomo, ou seja, ele se auto carrega conforme o condutor utiliza o carro, fazendo com que seja praticamente desnecessário o carregamento da bateria elétrica através de carregadores externos, de parede. Ele carrega a bateria sozinho, quando o motor a combustão é acionado.

Design, desempenho, conforto,

bateria, autonomia e espaço interno

O desempenho do King é absurdo, o modelo anda demais. Ele vem com 3 opções de modo de direção: Eco, Normal e Sport. Se acionado o modo Sport, chega a cantar pneus na saída mesmo acelerando pouco.

O BYD King é bem completo e muito bonito, tanto por dentro como por fora. Externamente ele agrada em todos os detalhes os amantes dos modelos sedan. Ele chega a ser um pouco maior que os outros modelos concorrentes diretos e consequentemente, acaba sendo maior internamente e mais confortável. O design tem linhas modernas, arrojadas, lateralmente limpas, mas com a frente com grade com linhas horizontais cromadas atravessando de lado a lado e com o logo BYD em destaque na ponta do capô, que esconde um ótimo motor. A traseira tem lanternas LED que atravessam horizontalmente com a tampa do porta-malas com linhas retilíneas e proporcionando uma boca profunda.

Por dentro, os outros que nos perdoem, mas a beleza do King é fundamental. Com excelente acabamento al-

mofadado tipo couro, aço escovado nos detalhes, luz interna em detalhe no painel de fora a fora, multimídia giratória intuitiva em destaque no centro do painel com câmeras 360° e sensor traseiro e dianteiro. O painel também é digital. O console é largo, elegante e vem com porta-copos, porta-trecos, muitos comandos bastante acessíveis e uma alavanca de câmbio acionada por um botão giratório extremamente charmoso. A partida é por botão com chave por aproximação.

O King tem volante multifuncional, bancos traseiros bipartidos rebatíveis e ajuste elétrico do banco do motorista. Tem 4 entradas USB - duas na frente e duas para o banco de trás - ar-condicionado digital também com saída para o banco traseiro.

A altura do carro em relação ao solo, mesmo sendo baixo, tem facilidade para transferência de usuários de cadeiras de rodas, também pelo bom ângulo de abertura das portas. O modelo é muito confortável, mesmo tendo uma proposta bastante esportiva.

Um ótimo porta-malas

Como um bom sedan médio, o BYD King tem um ótimo porta-malas de 450 litros, bem profundo e amplo. Nele é possível transportar cadeiras de rodas manuais monobloco ou dobráveis com facilidade e ainda cabendo bagagem.



Moda Inclusiva: elegância, representatividade e consumo consciente em movimento

Falar de moda é, acima de tudo, falar de identidade. E quando falamos em identidade, falamos também de pertencimento, de visibilidade e de respeito às diferenças. A moda inclusiva, aquela pensada para atender às expectativas de consumo das pessoas com deficiência. Vem ganhando força no Brasil e ocupando, com cada vez mais consistência, um espaço que sempre lhe foi devido: o das vitrines, das campanhas publicitárias, das passarelas e, principalmente, do guarda-roupa de milhões de consumidores que, por muito tempo, foram ignorados pelo mercado. Vale a pena ressaltar que as iniciativas ainda são consideradas tímidas, porém, reais.

Hoje, pessoas com deficiência não apenas consomem moda, elas influenciam, criam e transformam esse universo. São vozes potentes nas redes sociais, modelos, consultoras de estilo e ativistas que desafiam os padrões estéticos convencionais e reafirmam uma verdade essencial: “beleza e deficiência não são palavras opositas”, como já venho afirmando desde 2007. Atualmente vivemos experiências que coexistem com potência, autenticidade e elegância.

Em regiões de alto padrão como Alphaville, essa realidade começa a se refletir em iniciativas concretas. Algumas lojas e marcas instaladas na região já demonstram sensibilidade às demandas de consumidores com deficiência. É possível observar, por exemplo, vitrines mais inclusivas, com manequins que fogem dos corpos padronizados e representam melhor a diversidade física da população. O layout das lojas também vem sendo repensado: corredores mais amplos, provadores acessíveis e equipes preparadas para atender com empatia e respeito são sinais de que, ainda que de forma gradual, a inclusão está sendo levada a sério.

Mais do que acessibilidade física, no entanto, o que se busca é acessibilidade estética. Peças que unem funcionalidade e estilo, que considerem os desafios de mobilidade e de autonomia de quem veste, sem abrir mão da beleza, da qualidade e do bom gosto. Afinal, como qualquer outro consumidor, pes-



Exposição de noiva em Alphaville/SP
Agosto de 2025

soas com deficiência desejam roupas que valorizem sua personalidade, seu momento de vida e seu lugar no mundo.

A modelo e influenciadora Ariete Angotti, que tem entre suas características o nanismo, é uma dessas vozes que ecoam com firmeza no cenário da moda inclusiva. Ela conta que, apesar dos avanços, ainda há um longo caminho a percorrer. “Infelizmente, ainda são poucas as marcas que investem em moda de qualidade para pessoas com meu biotipo. A maioria das

roupas precisa ser adaptada, e isso nem sempre é simples. Mas acredito que isso está mudando. A cada dia vejo mais marcas falando em inclusão de verdade. Quem apostar nessa diversidade corporal, com consciência e responsabilidade, vai sair na frente”, compartilhou seu pensamento e observação da atualidade.

A presença de influenciadores com deficiência nas redes sociais comprova essa transformação. Eles movimentam tendências, participam de lançamentos, geram conteúdo relevante e trazem visibilidade a questões antes invisíveis para o grande público. Esses criadores de conteúdo falam diretamente com um público fiel, engajado e que se vê, muitas vezes pela primeira vez, representado no mundo da moda.

Do ponto de vista comercial, o recado é claro: investir em moda inclusiva não é apenas uma escolha ética ou social — é uma estratégia inteligente de negócios. Consumidores com deficiência formam um mercado significativo, com bom poder de compra e critérios de consumo bem definidos. Valorizam conforto, praticidade, bom caimento, tecidos inteligentes e, acima de tudo, respeito. A empresa que entende essa demanda e oferece produtos com empatia e qualidade certamente colherá os frutos dessa escolha.

A moda, afinal, é um reflexo do nosso tempo. E em um tempo que exige mais inclusão, mais escuta e mais representatividade. As marcas que estiverem com disposição de caminhar junto com a pluralidade dos corpos e das histórias, estarão não apenas na moda, já tem lugar garantido no futuro. 🌟



Ariete Angotti veste Carla Fernanda, estilista independente.
Maquiagem e cabelo: André Lima



Kica de Castro é palestrante, publicitária e fotógrafa. Tem uma agência de modelos para profissionais com deficiência desde 2007. É colunista/colaboradora da Revista Reação desde 2008. Em 2015 criou o programa de TV “Viver Eficiente”, que tem como objetivo dar voz e visibilidade para pessoas com deficiência.

Redes Sociais: @vivereficiente



4 Homens e um ideal: ser pai de gêmeos

Ser Ser pai é um grande ideal para 4 homens que conheceremos nesta reportagem.

Como mãe e avó, terei o privilégio de falar com eles, que tiveram também na vida, a influência de seus pais.

Rafa Escóssia, 40 anos, pai de Amelie e Dylan, nascidos prematuros na Irlanda, um mês antes da pandemia de Covid 19. Ele foi criado na zona norte de Sampa e está há 12 anos morando fora do Brasil. Aprendeu muito com o Samuel, seu pai, de quem sente saudades e que o inspirou a jogar futebol. Recentemente, ele foi com um grupo de adolescentes autistas para um congresso na Alemanha. Vamos saber mais do Rafa:

“A Dani e eu tínhamos o plano de aprender inglês e fomos para a Irlanda. Sou formado em Produção e Direção de Rádio e Televisão. Foi uma mudança de ritmo da vida, de cultura e dificuldade na comunicação. Eu não falava absolutamente nada em inglês. O clima, a forma de lidar com as pessoas, o senso de humor, tudo é diferente e exige adaptação. Nesses 12 anos eu já trabalhei em muitas áreas. Hoje, trabalho como pastor de jovens e crianças numa igreja no norte de Dublin, mas já vendi jornal

no semáforo, fiz controle de estoque, fui fotógrafo em alguns eventos, fiz faxina, trabalhei em cafeterias e até atuei como figurante em produções irlandesas. A minha mãe sempre atuou com inclusão de crianças com deficiência e hoje isso tem me ajudado, com as crianças e adolescentes, e algumas no espectro autista. Tento sempre proporcionar as mesmas possibilidades para todas as crianças, em brincadeiras, músicas e na comunicação. A diferença entre o Brasil e a Irlanda, é que aqui eles tem mais acesso em muitas áreas, como cultura, lazer e transporte. Não é raro encontrar pessoas com Síndrome de Down, autismo ou deficiências motoras, andando sozinhas e em segurança pela cidade. Tenho um propósito, que é fazer que Amelie e Dylan entendam as diferenças e a necessidade de respeito na nossa sociedade, seja onde estiverem, e que, aqui ou no Brasil, eu possa fazer sempre o melhor de mim”, afirma Rafa, que trabalha, mas está sempre com as crianças se fazendo presente.

“As crianças nasceram e passaram os primeiros dois anos com nós dois e as avós, que nos visitaram e ajudaram. Aqui, quem tem mais energia toma o leme. A gente atua em todas as áreas, sem uma divisão pré-definida. Tem dias que os dois estão com a energia bem baixa e a Amelie e o Dylan estão com as baterias super carregadas, e temos que dançar conforme a música. Embora gêmeos, eles desde cedo são indivíduos bem diferentes: no humor, no apetite, jeito de interagir, forma de se expressar etc. Aqui eles estudam em classes dife-



rentes na escola. Não tenho dúvida que é muito bom ser pai de gêmeos tão diferentes, mas também é legal ver as semelhanças, principalmente a paixão pela mãe, a alegria em praticar esportes e atividades, e o gosto pela leitura, desenhos animados, e irem para parques andar de patins e bicicleta", conta o pai.

Outra experiência interessante

Renan é pai de gêmeos idênticos - Lucas e Pedro - e trabalha como corretor de seguros. É formado em Hotelaria e Administração de Empresas e tem 40 anos. É casado a 13 anos com Karine. Sempre amoroso e dedicado, filho único, não imaginava que teria 2 filhos na primeira gestação. "Durante o primeiro ultrassom a médica ouviu um coração, depois, um outro coração. Nessa hora, podem vir vários pensamentos conflitantes na mente, como: gratidão, medo, alegria, preocupação... mas, graças a Deus, fiquei tranquilo e grato", conta Renan, pai dos gêmeos Pedro e Lucas.

"Meus filhos nasceram de parto normal e esteticamente e no comportamento são diferentes. Fazemos algumas atividades específicas, que notamos que só um deles gosta, enquanto o outro faz alguma coisa da escola. Sou músico, mas eles não tem nenhuma queda para instrumento musical até o momento. Ano que vem, queremos colocá-los em classes diferentes na escola, pensando na individualidade deles. Eu gostaria de ter mais filhos, mas minha esposa não quer".

Anderson e as gêmeas Clara e Rafaela

Anderson Marendaz Ferreira, tem 50 anos, é natural de Nova Iguaçu/RJ e mora em São Paulo/SP. É formado em Direito com especialização em Direito Constitucional e Direito Público, e tem uma enfermidade visual. "Fizemos tudo o que estava ao nosso alcance para a primeira gravidez, mas nada dava certo: estimu-

lação hormonal, inseminação e por último, 3 fertilizações. Foram 3 exaustivos anos, sem entender o que estava errado. Então decidimos parar de tentar e tivemos uma conversa com Deus, que pôs em nosso caminho uma médica e, 3 meses depois, através de uma fertilização, minha esposa estava grávida. Em 2015 nasceu nossa primeira filha, Marina. Quando Marina fez 4 anos, decidimos tentar uma nova gravidez; então vieram as gêmeas: Clara e Rafaela. Clara ficou na UTI e a Rafaela veio para casa. Renata deixava leite materno em casa e no hospital; saía de madrugada e ia para o hospital e ficava com a Clara e eu ficava em casa cuidando da Rafaela e da Marina. Quando ela chegava, eu ia ficar com a Clara. Graças a Deus, Clara teve alta do hospital um dia antes da pandemia.

Tínhamos que ser uma equipe para tudo dar certo. A Renata cuidava da louça, comida e roupa, e eu limpava a casa, lavava os banheiros e fazia as compras. Com as gêmeas não tinha revezamento, quando uma chorava a outra também. Chegou 2021, a avó materna da Renata faleceu e 4 meses depois a sua mãe também. Minha mãe teve um AVC e meu pai sofreu um infarto. E eu descobri um tumor crescendo atrás dos olhos me fazendo perder a visão. Em março de 2022, fiz a primeira cirurgia para a retirada do tumor. Estávamos trocando de apartamento e no hospital, descobri que tínhamos poucos dias para entregar nosso apartamento. Naquele momento eu não podia abaixar a cabeça, nem pegar peso, nem mesmo pegar minhas filhas no colo. Nossso novo apartamento ainda não estava pronto. Fomos morar na casa do pai da Renata, e eu com restrições médicas. Após alguns meses, descobrimos que o tumor ainda pressionava a hipófise, o nervo ótico e a base do cérebro, mas era benigno e fiz uma nova cirurgia removendo a maior



parte do tumor. Fiquei 30 dias internado com meningite pós-operatória e a Renata ficou extremamente sobrecarregada e exausta. No final de 2022 conseguimos ir para nossa nova casa, e logo voltei ao trabalho. Fiquei com uma pequena sequela na visão. Agora descobrimos que a Marina é muito pequena para sua idade e após vários exames, ela começou a fazer um tratamento com hormônio GH, uma injeção por dia, todos os dias. A Renata trabalha como dentista na Polícia Militar de São Paulo e também atende em um consultório. Minha obrigação como marido é dividir as demandas da casa. Ser pai de 3 meninas exige bastante energia e um ótimo trabalho em equipe do casal. A receita para ser um bom pai é simples: respeite sua companheira e o tempo dela, divida as tarefas e os momentos de descanso, aproveite cada momento em família, brinque, ria, se divirta e corrija quando necessário. Afinal, suas filhas irão buscar um marido que se pareça com o pai. Aprendi isso com meus pais: ser um pai segundo o coração de DEUS", finaliza.

Renato Carlos Burger e um casal de gêmeos

"Tenho 60 anos, sou casado com a Marcela, que é mãe de Maia nossa princesa. Sou cirurgião dentista formado há 38 anos. Além de consultório particular, leciono e tenho 3 especializações e 2 doutorados, dentre outras pós-graduações. Tenho 1 filho de 32 anos e uma filha de 30 anos, do primeiro casamento, e já tenho duas netas de 6 e 3 anos. Como casei novamente e sou vasectomizado, procuramos o processo de fertilização, e depois de 3 tentativas, 2 embriões foram implantados e que deram origem aos meus 2 filhos prematuros. Infelizmente, um dos bebês faleceu uma semana após o nascimento – seu nome era Noah - e a Maia ficou muito bem até 10 dias após o nascimento. Depois, ela teve uma enterocolite grave - devido à prematuridade - o que gerou 115 dias de UTI entre a vida e a morte, e por conta de algumas complicações, ela teve algumas lesões cerebrais (paralisia).

"Ser pai em uma idade que já poderia ser avô foi muito desafiador, mas dentro da maturidade desenvolvida, não poderia ser melhor. Ser pai de uma criança atípica gerou um desafio ainda maior. O mais engraçado é que sempre fui uma pessoa preconceituosa quando via crianças com órteses, por exemplo. Hoje, eu consigo imaginar toda a luta dessas crianças e dos pais para estarem com seus filhos. Esses bebês prematuros são guerreiros e vencedores. Só quem tem essa experiência de longos dias na UTI entre a vida e a morte, consegue entender esse sentimento: AMOR - COMPÁIXÃO - SOLIDARIEDADE. A Maia é um doce de criança. Ela é amorosa, sensível, sociável e extremamente agitada por conta do TDHA. Na escola, existe uma dificuldade por conta dessa agitação intensa. A Maia tem um limiar de dor muito alto, o que faz ela chorar muito pouco, mesmo em acidentes maiores. Felizmente, a paralisia cerebral que ela tem afetou mais a sua parte motora (hemiparesia direita) o que requer sessões de fisioterapia, terapia ocupacional e neuropsicologia. Um dia andando de bicicleta comigo na cadeirinha, perguntei para ela de onde ela tinha vindo. Ela respondeu prontamente: do céu papai. Ela é um ser especial, não é desse mundo. Alás, como todas essas crianças atípicas, principalmente as Autistas. Elas vieram para nos mostrar e nos ensinar a forma mais pura do que é um amor de verdade", afirma Renato.

"A Maia não tem problema cognitivo ou de memória, mas ela tem um pequeno atraso de desenvolvimento. Suas provas são



orais na escola. Agora, com 9 anos já consegue escrever e adora pintar. Vamos muito à praia e fazemos castelos de areia, jogamos bola e surfamos. Minha família é muito musical e cantar sempre esteve no contexto de nossas vidas, e a Maia segue esses passos", conta o pai.

"Infelizmente, as escolas não estão adaptadas 100% para receber crianças atípicas. Precisariam ter pessoas treinadas nas salas de aula e durante as outras atividades. Sei que isso demanda um custo maior para escola, que vai driblando essas necessidades com pessoas menos preparadas. Esse é um problema difícil de resolver, mas que entre trancos e barrancos vamos levando. Tenho uma frase do meu saudoso pai que dizia: no fim tudo dá certo", diz o pai da pequena Maia.

A visão paternal em comum entre estes 4 homens

Os homens são importantes no processo de criação e formação dos filhos. Como é fantástico vermos pais se envolvendo e trabalhando de forma ímpar para que a família se fortaleça. Como é lindo ouvir ou ver a presença dos pais em atos tão importantes. Isto nos leva a pensar que os homens ainda carregam o desejo de serem pais ativos, mesmo que em atividades diferentes. O importante é que eles serão para sempre pais, que aprenderam e continuam aprendendo. 🌟



Lúcia Figueiredo – LuQuinha
é Bióloga e Neuropsicopedagoga, especialista em Sexualidade Humana e Jornalismo Digital, Cinema e Audiovisual.

E-mail: luciabiofigueiredo@gmail.com

Sejamos Incentivadores ! Revendo um exemplo notável...

No dia a dia, diante de desafios, recebemos incentivos ou sentenças negativas que podem nos influenciar a alguma ação ou paralisar e, claro, vai depender de como está a nossa estrutura emocional, se estamos receptivos ou não para essas influências externas.

O que uma pessoa pode fazer para tentar destruir uma outra pessoa é simples, como por exemplo dizer: "você nunca vai conseguir", "você não é capaz", "você está atrapalhando", "você é burro", "você não vai dar certo", "desista", "você só depende de mim" e outros "elogios" e "incentivos" desse tipo.

Em muitas famílias em que nasce um filho, por exemplo, e este apresenta alguma limitação congênita ou adquirida é comum alguns comportamentos dos pais ou responsáveis.

Vemos pais que superprotegem, pais que protegem, pais ausentes, pais que abandonam, pais que delegam responsabilidades, esquecendo-se do papel importante e fundamental que exercem sobre o filho, transferindo muitas vezes toda a autoridade para outros. Nada contra delegar nem contra os ajudadores (aliás, que bom que existem !), mas as mãos dos pais devem (deveriam) ter a maior parte das "marcas dos ingredientes do bolo"

“ Não podemos deixar que a nossa identidade seja mantida pela opinião de uma pessoa... ”

(Nicky)

(cada ingrediente faz parte do processo de formação do filho e o bolo é o resultado, ou seja, o filho formado).

Um exemplo interessante que há anos tem estado na mídia, dentre outros que existem, vale a pena ser citado.

Um breve histórico baseado em entrevistas e depoimentos

Estou falando de Nicholas James Vujicic, conhecido como Nick Vujicic, 43 anos. Ele é filho primogênito, nasceu na Austrália com uma síndrome rara chamada "tetra-amelia", sem membros, faltando os dois braços na altura dos ombros e sem as duas pernas, mas com dois pés pequenos, um dos quais, somente com dois dedos.

Inicialmente, seus pais ficaram muito abalados, mas viram que Nick era um bebê saudável.

Ele mesmo conta em seus depoimentos que nem sempre foi fácil enxergar tudo o que ele era capaz de fazer. Relata que, por volta dos 6 anos de idade, no momento em que percebeu que era diferente das outras crianças, perguntou aos seus pais por que era diferente ? E eles disseram para ele não se preocupar sobre a sua situação e que ele era bonito do jeito dele. Nick declara que não queria ser diferente, queria se encaixar, mas era difícil com o bullying que sofria na escola.

Viveu uma vida de dificuldades e privações ao longo de sua infância, como proibições por leis escolares na época, sentimentos de depressão e pensamentos de suicídio com 8 anos de idade. Com o tempo, Nick foi se descobrindo e percebendo que ele não era o único que lidava com dificuldades como as que tinha.

Ele conseguiu superar essas dificuldades. Aprendeu a escrever usando os 2 dedos do pé esquerdo e um dispositivo especial que deslizava sobre o dedão do pé que ele usa para agarrar. Ele também aprendeu a usar um computador, jogar bolas de tênis, nadar, pentear o cabelo, escovar os dentes, atender o telefone, fazer a barba e pegar um copo de água. Aos 17 anos, iniciou sua própria organização sem fins lucrativos chamada "Life



Without Limbs" (em português significa "Vida sem Membros").

Depois da escola, Nick frequentou a faculdade e se formou na universidade com 21 anos de idade, com uma bidiplomação em Contabilidade e Planejamento Financeiro. Nick conta em seus depoimentos e palestras que estudou, fez faculdade, mas, que acredita que o objetivo mais interessante era ajudar outras pessoas, falar para ninguém desistir e que sonhos se realizam.

Suas viagens como palestrante motivacional e sua vida atraem coberturas da mídia de massa por todos os lugares por onde passa.

Atualmente, ele dá palestras regularmente sobre vários assuntos, tais como a deficiência, a esperança e o sentido da vida, falando também para o setor corporativo. É casado e tem 4 filhos.

Nick hoje !

Nick promove o seu trabalho por meio de viagens, palestras, programas de mídia e livros, como: "Life Without Limits: Inspiration for a Ridiculously Good Life" (Vida Sem Limites: Inspiração para uma vida ridículamente Boa) e tem um breve documentário sobre sua vida em casa e como faz as coisas com a ausência de seus membros.

Nick Vujicic já esteve no Brasil em 2013, 2016 e 2025, realizando palestras em alguns estados.

Em entrevista coletiva com a participação da Revista Reação em um dos eventos quando esteve em São Paulo/SP há alguns anos, Nick Vujicic contou um pouco sobre sua trajetória. Em pergunta realizada pela Revista Reação sobre sua reabilitação, ele respondeu que ela ocorreu por meio dos seus pais, que o estimulavam, que o viam com possibilidades, o valorizavam e apoiavam.

Ele conta que sempre teve o incentivo deles para seguir em frente. "Eles sempre falavam para eu fazer o meu melhor e confiar em Deus... Meus pais sempre me disseram para eu aceitar o que não podia mudar, mas tentar mudar o que eu podia. Sempre tive esse otimismo, mas ainda assim foi difícil entre meus 8 e 12 anos de idade. Eu me perguntava qual era o meu objetivo na vida".

Ele terminou dizendo: "Ninguém é perfeito. Falhar é parte do crescimento. Precisamos ser otimistas para saber que o futuro tem coisas boas. Precisamos progredir... apenas saber que o seu valor não é determinado por quem te reconhece ou quanto dinheiro tem".

Seus pais poderiam ter abandonado o Nick, colocando-o 100 % em um abrigo ou instituição de reabilitação, mas entenderam seus papéis e preferiram estar juntos, ensinando o filho "no" caminho em que deveria trilhar (ressaltando o "no" = estando junto, participando, fazendo parte).

Com certeza viveram muitas dificuldades que só eles sabem e sentiram. Porém, o resultado está à mostra.



“ Todo mundo tem uma história... VOCÊ tem uma história... e pode encorajar a vida de outras pessoas.” (Nicky)

Muitas pessoas chegam nos atendimentos de Reabilitação com uma baixa autoestima por nunca terem ouvido sobre o potencial que tem, sem estímulo dos pais ou da família, de professores ou até de amigos.

Quantas pessoas com deficiência visual chegam na Terapia Ocupacional, por exemplo, com o discurso: "Não posso realizar isso", "Não acredito que eu posso realizar isso"... quando na realidade, podem realizar cada tarefa proposta, sendo que cada atividade prescrita no Programa é possível e extremamente simples ! Porém, primeiro é preciso trabalhar as crenças limitantes para transformar as crenças de incapacidade para capacidade, o "não posso" para "eu posso, eu consigo" e enfim... para "eu consegui !".

Não podemos esquecer de que cada pessoa tem sua história e suas particularidades, que cada ser humano tem sua forma de lidar com desafios e o tempo de cada um também é particular.

Bom seria se todos fossem incentivadores. Esse "alguém", pode até não ser o pai (nem todos têm pai ou mãe), mas pode ser um "incentivador".

E como esse exemplo – do Nick - outros também existem. Alguns famosos, outros não tão famosos, mas que vemos no dia a dia nos atendimentos, nas instituições, nas comunidades e cada um contribuindo para uma vida melhor, uma sociedade melhor.

Ter Plenitude de vida, "ser o melhor que puder" independe de pernas, braços, visão, audição, pessoas ou situações. Isso é fato ! É preciso ter "incentivadores" ! É preciso ter um propósito de servir (pois semear traz colheita), se amar, ter boa autoestima, viver sem crenças limitantes, sem despertar piedade ou querer ter dependência total dos outros quando se tem condições de autonomia.

É um exercício diário... Uma postura de ser alguém capaz, com tranquilidade e equilíbrio é uma conquista.

Que cada um com sua estrela possa brilhar !

Aos famosos e anônimos... aplausos !!!



Sueley Carvalho de Sá Yanez

é Terapeuta Ocupacional especializada em Orientação e Mobilidade para pessoas com deficiência visual e atua na área de reabilitação e Consultoria especializada.

E-mail: sueleydesa@hotmail.com

NOTA

Tetra-amelia é uma síndrome humana de rara ocorrência caracterizada por uma falha na formação embrionária, que acarreta a ausência dos quatro membros. Malformações em outras partes do corpo, como: cabeça, coração, esquele-

to, genitália e pulmões, podem ocorrer concomitantemente, fazendo com que a maioria dos portadores não sobreviva após o nascimento. O termo vem do grego "tetra" - quatro - e "amelia" - ou falha no desenvolvimento do membro.

Fórum e Premiação WSA Brasil 2025



No último dia 12 de setembro, aconteceu no Google for Startups em São Paulo/SP, um evento onde os diálogos uniram tecnologia, propósito e impacto real.

Vários painéis com especialistas e líderes debatendo inovação digital, impacto social e sustentabilidade atraíram a atenção de todos os presentes e convidados.

Histórias de quem já venceu o WSA Global e transformou realidades foram mostradas. Discussão sobre o futuro da inovação com propósito nas indústrias brasileiras fizeram parte dos temas. E o grande momento: a Cerimônia de Premiação WSA Brasil 2025, quando foram revelados os projetos brasileiros que estão inovando, promovendo impacto social e

ambiental, e que serão os próximos a inspirarem o mundo, em 8 categorias diferentes: Saúde e Bem-Estar, Meio Ambiente e Energia Verde, Aprendizagem e Educação, Inclusão e Empoderamento, Negócios e Comércio, Cultura e Patrimônio, Engajamento do Governo e do Cidadão e Assentamentos Inteligentes e Urbanização.

Foi um dia repleto de ideias, experiências, inspirações e conexões. Uma oportunidade única de ouvir especialistas, empreendedores e líderes que estão moldando o futuro da inovação digital com impacto social e de conhecer em primeira mão os vencedores que representam o Brasil no cenário global.

WSA Brasil

Embaixadores representando o Brasil na maior premiação em inovação

digital. O WSA teve início em 2003, em Genebra, no âmbito da cúpula das Nações Unidas sobre a Sociedade da Informação (WSIS – World Summit on the Information Society). É coordenado pelo Centro Internacional de Novas Mídias (ICNM – International Center for New Media), de Salzburg, Áustria. Trata-se de um verdadeiro festival tecnológico de diversidade, inovação, acessibilidade e inclusão. E o seu embaixador no Brasil é nada mais, nada menos, que Cid Torquato, pessoa com deficiência e um dos grandes nomes do segmento, que atua em várias frentes e com maestria.

O Futuro da Tecnologia no Brasil se encontra no WSA

Que tipo de futuro queremos construir com a tecnologia?

De que modo ela pode ser mais do

que ferramenta, e se tornar ponte de humanidade?

Quem são os líderes capazes de guiar esse caminho, em meio a um mundo que ainda insiste em levantar muros?

Essas questões ressoaram com intensidade no Fórum e Premiação WSA Brasil 2025. Mais do que um evento, foi um marco que reuniu um público seletivo de empreendedores, gestores, acadêmicos e visionários para discutir os rumos da inovação digital com impacto social.

No centro de tudo, uma presença carismática e inescapável: Cid Torquato, presidente do WSA Brasil. Não apenas anfitrião, mas catalisador. Não apenas condutor, mas inspiração. Cid é descrito como um gigante das relações humanas tecnológicas, alguém capaz de transformar conexões em pontes sólidas para o futuro. Seu estilo de liderança não se resume à formalidade institucional: ele mobiliza pessoas, conecta talentos e transmite prestígio com naturalidade quase estelar.

Parcerias de peso, debates de qualidade

O evento trouxe painéis memoráveis. Desde reflexões sobre o papel do prêmio no mundo, até discussões sobre inovação com propósito em grandes indústrias brasileiras, passando por certificações de carbono e soluções que já estão transformando realidades. Cada fala reforçou a ideia de que a tecnologia não é neutra — ela precisa de direção ética e de compromisso social.

Os 8 premiados: inspiração que transcende fronteiras

O ponto alto foi a revelação dos 8 vencedores da 2ª Edição do WSA Brasil. Projetos que agora avançam para Viena, em 2026, representando o Brasil no cenário global. Cada premiado não é apenas um case de sucesso, mas um sinal do Brasil que inspira o mundo.

Cid Torquato foi o maior vencedor do WSA BRASIL/25

Algo merece ser destacado: Cid Torquato é um gigante das relações humanas tecnológicas e da tecnologia das relações humanas. Um catalisador de talentos do futuro, com sensibilidade de uma antena parabólica quântica, radar que trans-



passa tempo e espaço, subvertendo-os a um momento presente etéreo e fugaz, mas tão verdadeiro quanto um átimo de perfeição existencial.

Apesar de tantos parceiros de peso inquestionáveis, Cid se sobressai como um grandioso catalisador de mentes brilhantes. O seu prestígio é algo estelar.

Se o WSA é hoje uma plataforma mundial que conecta inovação, impacto social e propósito desde 2003, no Brasil ele encontrou em Cid Torquato o seu gran-

de embaixador e articulador. Não é exagero dizer que sua liderança será lembrada como fundamental para colocar o país no mapa tecnológico global.

Eis a pergunta final, que só o tempo responderá: “Estaremos prontos para acompanhar a visão de Cid e sua equipe, e transformar a tecnologia em um pacto de confiança social?”

Enquanto isso, o WSA Brasil segue como farol e o carisma de Cid Torquato, como bússola. 🌟



Guto Maia (José Augusto Maia Baptista) é pesquisador neurocientista especialista em Saúde Mental Pública, docente orientador pela Escola Nacional de Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz/Fiocruz. Prêmio MCEYS Qualidade Brasil 2025 - Saúde Mental e os Impactos da Tecnologia como Transformação Social, em 24/09/2025, na Câmara Municipal de São Paulo, pela atuação de mais de 30 anos em Neurociência Cognitiva, como professor e pai do Pedro, jovem autista, recém-graduado em Tecnologia de Eventos. E-mail: familiamaiarosengarten@gmail.com

Quem casou, casou. Quem não casou, não casa mais ?

Vou analisar aqui a questão da pessoa com deficiência, e seu direito de manter relacionamentos, pois me envolve diretamente. A paralisia cerebral entra nesse pacote de vulnerabilidade.

Quanto mais se cria uma rede de proteção levando em consideração a vulnerabilidade física e intelectual, mais errado fica. Existem várias características diferentes para a paralisia cerebral, por exemplo. Dependendo da área afetada, pode ser a coordenação motora, fina ou grossa, a parte cognitiva, a visão ou a fala. A inteligência da pessoa com deficiência pode ser preservada, dependendo do caso. Existe a necessidade de saber o que se passa no seu corpo, sabendo a diferença entre uma agressão física, uma violência ou um toque de prazer.

A paralisia cerebral tem um padrão físico que toda a sociedade enxerga, ainda que na maioria dos casos, não exista. É aquele que identifica a pessoa que baba, que não tem controle de tronco, não tem controle de urina etc. A minha condição física, por exemplo, é de origem motora, afetando a coordenação motora fina, a escrita e o andar, basicamente. Além da locomoção, preciso de ajuda para ir ao banheiro, mas isso não me faz incapaz de viver em sociedade.

PL 1213/11 da deputada federal Bia Kicis

Avançou na Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) da Câmara dos Deputados um projeto que cria o crime de estupro virtual de vulnerável. O texto também aumenta as penas mínimas para estupro de vulnerável e amplia o rol de vítimas. Pelo texto, o estupro virtual de vulnerável abrange vítimas menores de 14 anos ou pessoas com enfermidade ou deficiência mental, pessoas com deficiência e sem discernimento para o ato. A proposta amplia o alcance da lei para incluir qualquer tipo de deficiência: física, mental, intelectual ou sensorial.

Muitos de nós, pessoas com deficiência, só têm, por exemplo, na conversa por aplicativo de mensagens a forma para interagir com o mundo. Criar nesse PL uma pena de 15 anos de prisão só por uma conversa, que pode ser verdadeira no sentido de interesse sexual por uma pessoa com deficiência, sem saber se esse interesse pode ser verdadeiro ou não, é muito complicado. Afinal, esse interesse verdadeiro pode existir. Ou não pode? Esse projeto de Lei é, no mínimo, capacitista.

Partindo desse princípio, será que eu, como pessoa com deficiência, também terei que silenciar o meu interesse por qualquer mulher, pois não vou querer colocar em risco a liberdade dela por trocarmos conversas amorosas ou até sexuais por um aplicativo de mensagem.



Sempre entendi que acreditar no amor, sendo uma pessoa com deficiência, não era defender a violência sexual contra pessoas vulneráveis. A partir do projeto de lei, pelo visto, acreditar no amor envolvendo uma PCD passa a ser crime?

Para mim, que nunca vivi a experiência do amor e sempre fiquei sozinho, não muda muita coisa, porque quem não viveu não sabe como é, então não sofre. É muito mais fácil generalizar um público e colocá-lo como incapaz do que estudar caso a caso, de acordo com a condição física de cada um? Dá a impressão de que os projetos de lei que interferem diretamente na vida da pessoa com deficiência, não têm a menor noção do que é ser uma PCD. São feitos por pessoas sem o conhecimento técnico da nossa condição e do que vivemos no nosso dia-a-dia.

A partir desse projeto, os relacionamentos vividos por PCD serão considerados criminosos? Essa é a pergunta que fica.

Vamos combinar que o objetivo desse projeto não é proteger, mas sim evitar que haja aproximação de pessoas consideradas "normais" das pessoas com deficiência. Fica proibida a forma-



ção de casais “mistos” ? Estarão criando uma espécie de guetos sociais, onde só vai ser permitido a PCD se relacionar, no sentido sexual e amoroso, com outra pessoa com deficiência ?

Existe uma característica na cultura do “coitadismo” que é a “infantilização” da pessoa com deficiência. Há uma outra questão que não está presente nesse projeto de lei específico, que é a presença do laudo médico para realmente testar, principalmente, a capacidade intelectual da pessoa com deficiência, o entendimento do que se passa com a cabeça e o corpo dela.

Meu conceito de vulnerabilidade social é restrito à pessoa com deficiência de origem, acamada, que infelizmente só mexe os olhos. Portanto, aquela pessoa com deficiência que tem um mínimo de mobilidade, independente da natureza física, não deveria ser considerada vulnerável, e sua capacidade intelectual deveria ser considerada e respeitada para todos os fins.

A verdadeira política pública para a pessoa com deficiência presente na sociedade é assistencialista, com o objetivo do desenvolvimento econômico e social dela baseado na existência de benefícios que deveriam ser provisórios, mas não são.

Na verdade, o que está presente nesse projeto de lei é a criminalização de possíveis interesses de natureza sexual pelas pessoas com deficiência, o que a gente conhece por “devoteísmo”, ou seja, pessoas se interessaram sexualmente pelas pessoas com deficiência.

Pergunto: numa conversa entre um casal, hoje em dia, não tem o chamado “nudes” ? Até onde sei, atualmente é uma coisa comum. Então, por que esse tipo de coisa, envolvendo uma pessoa com deficiência, é considerada uma violência sexual ?

Será que esse projeto de lei considera a pessoa com deficiência um ser “assexuado” ? Será que essa é a essência desse projeto de lei ?

Falta coragem. Todo mundo fica cheio de dedos com a pessoa com deficiência e prefere a hipocrisia do politicamente correto, dizendo que ela pode ser tudo que ela quiser, quando na verdade a sociedade não pensa desse jeito.

Sim, a PCD é mais vulnerável. Mas a vulnerabilidade dela tem que ser compatível com a característica da condição física e intelectual. Hoje impera a hipocrisia do politicamente correto.

Observa-se, com frequência, que a discussão sobre a vulnerabilidade e a autonomia da pessoa com deficiência esbarra em nuances familiares complexas. Em muitos lares, a PCD encontra um ambiente acolhedor e de suporte, onde suas necessidades são atendidas e suas capacidades são valorizadas. Contudo, em outros, a realidade pode ser bem diferente.

Em certas famílias, infelizmente, a pessoa com deficiência é vista como um “defeito familiar”, uma fonte de vergonha ou incômodo. Apesar de ser tratada com cordialidade em público, experimenta um isolamento silencioso no ambiente doméstico. A interação genuína e o interesse pelas suas atividades e paixões, tornam-se raros.

Para muitos de nós, a internet, por meio de aplicativos de mensagem, se torna a única forma de se relacionar com outras pessoas, um portal vital para interação e conexão.

Esse projeto que cria o crime de violência sexual virtual de vulnerável, mata nossa possibilidade de viver em sociedade e ter relacionamentos interpessoais. Cadê a inclusão ?



A política pública envolvendo a pessoa com deficiência deve ser feita pela própria pessoa com deficiência, participando dessa discussão. Defendo que o chamado “nada sobre nós sem nós”, seja colocado na prática de fato e não só na teoria. Acho que cada um dos parlamentares, seja no Senado ou Câmara dos Deputados, tenha pelo menos um assessor com deficiência para auxiliar no desenho de políticas públicas para PCD.

Nossos nobres parlamentares não têm conhecimento nenhum do que realmente a pessoa com deficiência precisa. A própria família, que não quer lidar com a deficiência da pessoa, influencia esse tipo de demanda no Congresso.

Normalmente, quem puxa esse tipo de conversa com conotação sexual ou busca relacionamentos amorosos, é a própria pessoa com deficiência, porque ela não se sente capaz de conquistar alguém pessoalmente, por exemplo, em razão da sua condição. Se esse PL seguir em frente, o que vai acontecer com os namoros envolvendo pessoas com deficiência e pessoas sem deficiência ?

Esse tipo de coisa só faz com que a pessoa com deficiência, cada vez mais, fique restrita à sua própria casa, ao ambiente em que vive, ou seja, enclausurada socialmente falando. É a política pública do isolamento social.

É crucial combater o capacitismo e promover políticas públicas individualizadas, que garantam a autonomia e a autodeterminação da pessoa com deficiência, permitindo que ela tome suas próprias decisões e exerça plenamente sua cidadania. O Projeto de Lei N° 1213, ao impor uma presunção generalizada de vulnerabilidade e incapacidade, revela-se profundamente capacitista. 🌐



Bruno Oliveira de Carvalho

é cadeirante, para-atleta de Bocha Adaptada e fala sobre inclusão social. Escreve artigos assinados sobre temas diversos para veículos de comunicação e apresenta o podcast Consciência Inclusiva.

E-mail: bofc86@gmail.com



Turismo e o Palco da Cidadania

Há muitos anos a palavra acessibilidade tem sido tema de debates e proposta de Políticas Pública.

Para muitas pessoas esse termo ainda soa distante por não ser a realidade de uma parte da população. Essa temática não se limita apenas às rampas, calçadas planas, placas bem posicionadas, piso tátil ou ambientes sensoriais. É muito mais do que isso. É a ponte que estabelece a oportunidade para que corpos diversos possam circular, ter possibilidades de comunicação através de gestos e olhares que se encontram, e no aspecto da atitude, quando a sociedade comprehende que as Pessoas com deficiência, mobilidade reduzida ou neurodivergentes precisam ser respeitadas como pessoas e consumidores.

Entre 2021-2024, estive como secretário da Pessoa com Deficiência da cidade de Osasco/SP. Sendo a primeira pessoa a assumir essa pasta no município. Foi uma experiência que marcou minha vida, não apenas pela oportunidade de desenhar políticas públicas, mas por enxergar

de perto a distância que ainda existe entre discurso e realidade.

Vivenciei a expectativa de uma população reprimida há séculos pelo capitalismo, e estando na condição de Pessoa com deficiência, faço parte dessa população e confesso que o meu coração ardia em presenciar o quanto as omissões e as decisões afetam significativamente o cotidiano das PCD, refletindo na qualidade de vida e no desenvolvimento econômico da cidade.

Percebi, que muitas vezes falamos de inclusão como quem fala para o vento. O eco devolve as palavras sem respostas ou práticas que realmente traga uma agenda propositiva, garantindo dignidade a todas as pessoas.

Foi nesse ponto que a minha formação como turismólogo começou a se entrelaçar com a minha realidade como indivíduo, e na experiência como gestor público.

O turismo tem algo de poético: ele exige que a cidade se prepare para receber pessoas. Ele pede que os espaços sejam organizados, que os serviços sejam estruturados e que a beleza seja visível e acessível. Nesse planejamento, junto com os empreendedores do segmento, temos mil possibilidades de transformar a infraestrutura através de rotas acessíveis e toda cadeia como: bares, restaurantes, hotéis, pousadas, aeroportos, parques, todos num único propósito: ampliar o acesso dos visitantes fazendo do turismo receptivo um ambiente plural e pujante.

A cidade que investe em acessibilidade não se torna apenas um destino turístico inteligente. Ela se torna mais atraente, pois agrega valor de mercado em dialogar com a diversidade humana. Nessa diversidade, as organizações e os espaços são beneficiados por dinamizar e potencializar os produtos e serviços dimensionando com as características de cada indivíduo, garantindo o equilíbrio social e os interesses da economia local.

No fim das contas, o que está em jogo é simples e grandioso, o direito de viver plenamente, transformar espaços em palcos, onde pessoas com deficiência não sejam apenas espectadoras, mas atores principais da própria história e do desenvolvimento econômico da cidade.

E com certeza, essa foi uma das grandes experiências na travessia entre a gestão pública e o olhar do turismo: como vetor de transformação social e econômico aliado com a acessibilidade que pode virar a chave e acelerar o processo de inclusão que há séculos condicionou numa sociedade excludente onde pessoas, governo e as organizações perdem oportunidades de aumentar o faturamento e consolidar a sustentabilidade para as futuras gerações. 



Salomão Jr

é pessoa com deficiência, cadeirante e Bacharel em turismo. Especialista em gestão de pessoas e ex-secretário da pessoa com deficiência de Osasco/SP.
E-mail: salospalt7@gmail.com

especial

CADERNO



LONGEVIDADE

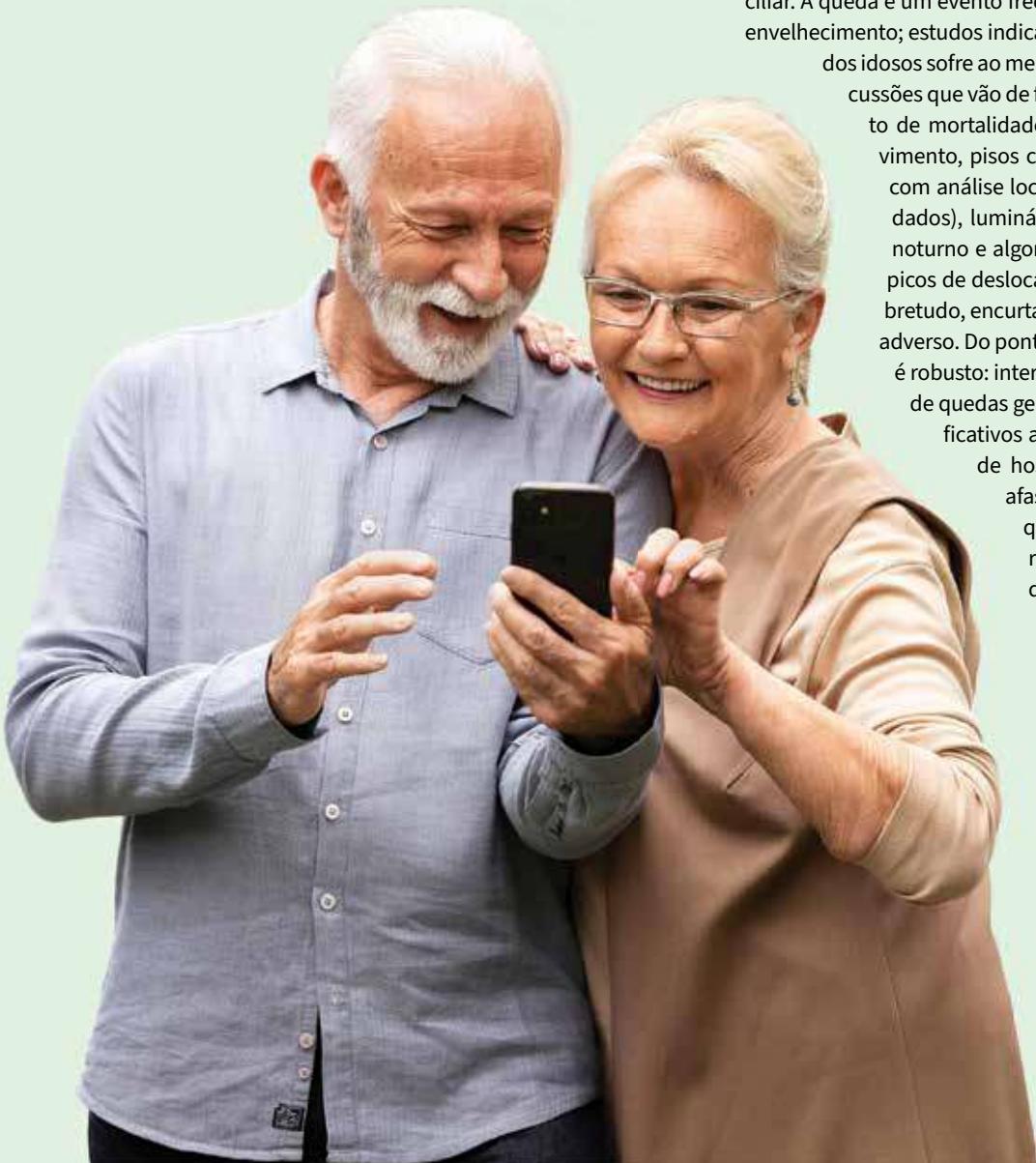
Potenciais e limites da automação residencial para pessoas idosas no Brasil: uma análise integrada

Discutir automação residencial aplicada ao envelhecimento no Brasil é, antes de tudo, reconhecer a convergência entre saúde, educação, inovação, mercado, regulação e direitos. O país vive uma transição demográfica acelerada: segundo o IBGE, já há algo em torno de 33 milhões de pessoas com 60 anos ou mais, e a participação relativa dos idosos vem crescendo de maneira contínua desde a década passada.

Em horizonte próximo, a população idosa superará a de crianças e adolescentes, o que impõe novas prioridades ao Sistema Único de Saúde (SUS), às políticas de assistência, à previdência e ao modelo de habitação. Nesse contexto, as chamadas casas inteligentes — ecossistemas de sensores, atuadores, plataformas digitais e serviços conectados, também conhecidos como Ambient Assisted Living — podem compor uma resposta com potencial de impacto mensurável sobre autonomia, segurança, qualidade de vida e eficiência do gasto público e privado.

O potencial mais evidente diz respeito à segurança domiciliar. A queda é um evento frequente e clinicamente relevante no envelhecimento; estudos indicam que entre um quarto e um terço dos idosos sofre ao menos uma queda por ano, com repercuções que vão de fraturas a perda funcional e aumento de mortalidade. Sensores de presença e de movimento, pisos com detecção de impacto, câmeras com análise local (para evitar trânsito indevido de dados), luminárias com acendimento automático noturno e algoritmos de detecção de padrões atípicos de deslocamento podem reduzir riscos e, sobretudo, encurtar o tempo de resposta a um evento adverso. Do ponto de vista econômico, o argumento é robusto: internações por fraturas e complicações de quedas geram custos diretos e indiretos significativos ao SUS e às famílias, somando dias de hospital, reabilitação, readmissões e afastamento de cuidadores. Mesmo quando se evitam estimativas numéricas exatas, dada a heterogeneidade regional, é razoável afirmar que a prevenção de um único evento grave pode compensar o investimento de um kit de automação básica.

O segundo campo de ganho potencial é a gestão de saúde e de rotinas terapêuticas no domicílio. Lembretes multimodais integrados a dispensadores de medicamentos, fechaduras e geladeiras inteligentes que registram padrões de uso, aferição domiciliar de parâmetros como pressão arterial, glicemia e oximetria com transmissão segura a equipes de saúde e mecanismos de telemonitoramento apoiados pela atenção primária



ria podem melhorar adesão, antecipar descompensações e reduz idas desnecessárias a prontos-socorros. A experiência internacional sugere que monitoramento remoto estruturado diminui internações evitáveis em condições crônicas e melhora indicadores intermediários, como controle pressórico e glicêmico. No Brasil, a expansão da telessaúde e a capilaridade da Estratégia Saúde da Família criam uma base institucional para integrar automação residencial aos planos terapêuticos singulares, desde que haja protocolos, interoperabilidade e financiamento adequados.

A automação também favorece a funcionalidade e a participação social. Fechaduras, persianas e eletrodomésticos acionados por voz, rotinas programáveis que simplificam tarefas domésticas, interfaces aumentativas e alternativas para comunicação, videochamadas assistidas e assistentes virtuais mais inclusivos são recursos que promovem autonomia, reduzem a dependência de terceiros e mitigam o isolamento social — um determinante importante de saúde mental e física no envelhecimento. É destacável o papel do controle por voz para pessoas com limitações motoras ou dor crônica, assim como a utilidade de lembretes ambientais contextuais (por exemplo, iluminação que muda suavemente ao entardecer para organizar a rotina e atenuar agitação em demências). Do ponto de vista energético, soluções de automação podem reduzir desperdícios, o que tem implicações positivas tanto para o orçamento doméstico quanto para a sustentabilidade.

Esses potenciais, no entanto, convivem com limites estruturais que precisam ser reconhecidos e enfrentados. O primeiro é econômico: embora haja queda de preços e maior oferta, o custo de aquisição, instalação e manutenção de sistemas confiáveis ainda é barreira para grande parcela dos domicílios. Kits básicos de segurança, automação de iluminação e controle por voz variam de algumas centenas a alguns milhares de reais; serviços de monitoramento agregam mensalidades que, somadas a gastos com internet e energia, podem ser proibitivas para famílias de baixa renda. Instrumentos de financiamento, subsídios focalizados, locação com manutenção inclusa e modelos “as a service” orientados ao envelhecimento podem ampliar o acesso sem comprometer a sustentabilidade do ecossistema.

O segundo limite é a desigualdade digital. Apesar de a conectividade domiciliar ter avançado, com alta penetração de internet móvel e crescimento da banda larga fixa, o uso efetivo e qualificado de tecnologias por pessoas com 60 anos ou mais ainda fica aquém da média populacional. Heterogeneidades regionais e socioeconômicas persistem, e uma parte relevante dos idosos depende do suporte de familiares e cuidadores para operar dispositivos. Usabilidade, linguagem acessível, suporte técnico responsável, design universal e formação continuada para usuários e profissionais que implementam essas soluções não são acessórios: são requisitos de sucesso. Universidades, serviços de saúde e programas de educação profissional precisariam intensificar currículos que integrem ergonomia, interação humano-computador, envelhecimento e tecnologia assistiva, com ênfase em co-desenho com pessoas idosas e cuidadores.

Há ainda limites técnicos e operacionais. Interoperabilidade fragmentada entre marcas e ecossistemas, atualizações de software que quebram integrações, dependência de conectivida-

de estável e energia elétrica confiável, cobertura de serviço em áreas rurais e periferias urbanas e risco de obsolescência programada podem minar confiança e continuidade do cuidado. Padrões abertos, como iniciativas recentes de interoperabilidade doméstica, ajudam, mas exigem adoção consistente pelos fabricantes e capacidade de teste e certificação local. A robustez de projetos deve considerar cenários reais: quedas de energia, latência elevada, ambientes expostos à umidade e calor, e limitações de espaço físico.

Questões éticas e regulatórias também se impõem. Automação voltada para o cuidado lida com dados sensíveis e, muitas vezes, com monitoramento contínuo. A Lei Geral de Proteção de Dados exige bases legais, consentimento livre e informado, minimização, segurança da informação e governança. Em domicílios compartilhados, conciliar autonomia da pessoa idosa com interesses de familiares requer transparência e controles de privacidade granulares, incluindo opções de processamento local (“on-device”) e trilhas de auditoria. Quando componentes fazem afirmações de finalidade médica — por exemplo, detectar arritmias, quedas ou apneias — a regulação sanitária da ANVISA pode incidir, com classificação de risco, boas práticas de fabricação e registro ou notificação. Dispositivos que emitem radiofrequência e conectividade devem ser homologados pela ANATEL. Por fim, a ABNT NBR 9050, embora focada na acessibilidade de edificações, oferece princípios para concepção de ambientes mais seguros e utilizáveis, que dialogam com posicionamento e instalação de dispositivos. Um programa sério de automação para idosos precisa mapear todo esse mosaico normativo desde a concepção.

Sob a ótica econômica, é útil traduzir benefícios em cenários. Considere um apartamento adaptado com sensores de movimento, iluminação automatizada, campainhas inteligentes, controle por voz e um serviço básico de monitoramento. O investimento inicial pode variar, mas quando comparado ao custo de uma internação por fratura de quadril, somado a reabilitação e aos custos indiretos de um cuidador afastado do trabalho, torna-se plausível que a prevenção de um único evento grave ou a redução de dias de internação produzam retorno financeiro líquido em horizonte de 12 a 24 meses. Em condições crônicas comuns no envelhecimento — hipertensão, diabetes, DPOC, insuficiência cardíaca —, melhorias de adesão e detecção precoce de descompensações tendem a reduzir visitas a emergência e hospitalizações evitáveis, com ganhos de qualidade de vida que não se restringem à dimensão monetária. Essa análise, entretanto, só se sustenta em escala se houver desenho de programas com métricas claras de qualidade, protocolos de intervenção, integração com a atenção primária e avaliação independente de resultados.

Do ponto de vista do mercado e da inovação, há uma oportunidade singular para o Brasil. A deman-

da é crescente, o que se reflete no aumento da oferta de dispositivos e serviços conectados e em taxas de crescimento anuais expressivas nesse segmento. A indústria local, startups e arranjos produtivos regionais podem focar em soluções desenhadas para o contexto brasileiro, com ênfase em custo total de propriedade reduzido, instalação simplificada, processamento no dispositivo para reduzir consumo de dados, atendimento em português com acessibilidade comunicacional, integração com o SUS e com operadoras de planos de saúde e suporte técnico capilarizado. Parcerias com instituições de pesquisa, laboratórios vivos em bairros e municípios e linhas de fomento público-privadas podem acelerar ciclos de prototipagem, validação e escalonamento. Programas de compras governamentais que privilegiam critérios de acessibilidade, interoperabilidade e segurança de dados funcionam como sinal de mercado e elevam o padrão mínimo do setor.

É imprescindível, no entanto, calibrar expectativas. Automação residencial não substitui relações de cuidado nem a presença humana. Sistemas podem reduzir carga de trabalho, orientar rotinas, ampliar percepção situacional, mas supervisão, afeto, tomada de decisão contextual e complexa permanecem no campo dos cuidadores, equipes de saúde e redes comunitárias. Há risco real de deslocar responsabilidades para dispositivos e algoritmos sem prover os devidos recursos humanos e sociais, produzindo frustração e até iatrogenias digitais. Da mesma forma, é preciso evitar que soluções de automação se tornem marcadores de desigualdade: se só alcançam nichos de renda mais alta, intensificam a distância em desfechos de saúde e bem-estar entre grupos socioeconômicos. Políticas de inclusão digital para idosos, capacitação de cuidadores formais e informais, e linhas de apoio à adaptação residencial com foco em segurança e usabilidade são componentes de equidade.

No plano jurídico e de direitos, a automação deve ser vista como meio de concretização de princípios já consagrados em lei. O Estatuto da Pessoa Idosa estabelece prioridade absoluta e proteção à vida, saúde, dignidade e autonomia; a Lei Brasileira de Inclusão reforça o dever de acessibilidade, desenho universal e tecnologia assistiva; a LGPD protege dados pessoais e reforça autodeterminação informativa. Não se trata de futurismo: trata-se de aplicar instrumentos existentes para que tecnologia assistiva — e a automação residencial como seu subconjunto — pro-

mova participação plena e independente em igualdade de condições. Isso exige governança eficaz de dados, contratos transparentes, atenção a cláusulas de “lock-in” e políticas de atualização e descarte sustentável dos equipamentos, mitigando impactos ambientais e custos ocultos.

A educação — de usuários e de profissionais — é eixo transversal. Pessoas idosas, familiares e cuidadores precisam de formação prática, contínua e amigável para tirar proveito das ferramentas. Profissionais que projetam, instalam e mantêm soluções devem dominar princípios de gerontologia, ergonomia, segurança da informação, normas técnicas e legislação aplicável. Cursos técnicos, graduação e pós-graduação podem incorporar componentes de tecnologia assistiva e automação com metodologias de aprendizagem baseada em problemas, estágios em serviços de atenção domiciliar e integração com equipes multiprofissionais. A avaliação de impacto e a pesquisa aplicada — preferencialmente multicêntrica e com recortes regionais — devem produzir evidências sobre custo-efetividade, aceitação, segurança e efeitos em desfechos clínicos e psicosociais, informando decisões públicas e privadas.

Em síntese, os potenciais da automação residencial para pessoas idosas no Brasil são significativos e tangíveis: mais segurança, autonomia, conforto, participação social, melhor gestão de condições crônicas e eficiência no uso de recursos. Os limites também são

claros: custo inicial e recorrente, desigualdades digitais, desafios técnicos de interoperabilidade e robustez, riscos à privacidade e à autodeterminação, fragmentação regulatória e a tentação de substituir cuidado humano por soluções tecnológicas. O caminho virtuoso passa por políticas públicas que integrem automação a programas de atenção domiciliar e à atenção primária, por modelos de financiamento que ampliem o acesso com foco em equidade, por padrões de interoperabilidade e segurança de dados, por formação profissional e por um ecossistema de inovação comprometido com desenho universal e avaliação rigorosa. Com esse arranjo, casas inteligentes deixam de ser um luxo ou um gadget e se tornam infraestrutura de cidadania para um país que envelhece rapidamente. 

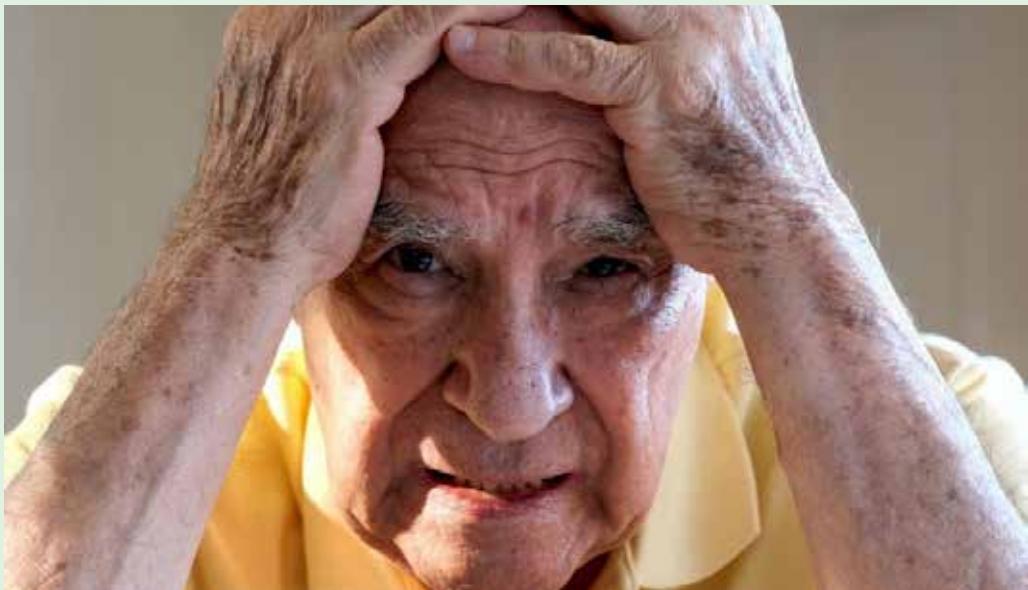


Maria A. F. Mello

é Terapeuta Ocupacional, Mestrado, Doutorado e Pós-doutorado em Ciências da Reabilitação com ênfase em Tecnologia Assistiva e Longevidade. Especialista em Economia da Saúde (UNIFESP 2003), Consultora Nacional e Internacional em Tecnologia Assistiva

desde 1995. 30 anos atuando como pesquisadora, educadora, clínica e empreendedora científica na área, no Brasil e no exterior. Diretora Administrativa da ECOSAVE, CSO do Anglis. E-mail: dramariademello@gmail.com

A violência contra Pessoas Idosas com demência



Este artigo explora de forma abrangente a complexidade da violência contra a pessoa idosa com demência no Brasil, seja ela doméstica ou institucional, aprofunda-se na invisibilidade do problema – decorrente da dificuldade de comunicação da vítima, do estigma social e da carência de dados especializados. Analisa o robusto arcabouço normativo brasileiro, com foco no Estatuto da Pessoa Idosa (Lei Nº 10.741/2003), na Política Nacional da Pessoa Idosa (Lei Nº 8.842/1994), no Código Penal (Decreto-Lei Nº 2.848/1940) e nas específicas resoluções de órgãos do Poder Executivo, que, por sua vez, regulam as Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPIs). Apresenta a relevância da jurisprudência em casos concretos. Conclui com a proposição de caminhos de proteção integrados, baseados na intersetorialidade e na defesa intransigente dos direitos da pessoa idosa com demência.

O fenômeno do envelhecimento populacional no Brasil, evidenciado por dados demográficos como o Censo Demográfico de 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que aponta o crescimento do contingente de pessoas com 60 anos ou mais, traz consigo desafios significativos. Entre eles, destaca-se a crescente prevalência de demências, síndrome que afeta as funções cognitivas de forma progressiva e irreversível (OMS/2023). A convivência com a demência, embora carregada de desafios, não deveria expor o indivíduo à violência, seja ela de natureza doméstica ou institucional. No entanto, a realidade brasileira e global demonstra uma correlação preocupante: a condição de fragilidade e dependência inerente à demência eleva a vulnerabilidade à violência, tornando este um tema de saúde pública, social e jurídica de extrema urgência.

Globalmente, a violência contra as pessoas idosas atinge cerca de 1 a cada 6 pessoas idosas em contextos comunitários,

sendo ainda mais frequente em instituições de longa permanência (OMS/2024). A demência possui impactos físicos, psicológicos, sociais e econômicos para toda a sociedade, a família e, principalmente, para a própria pessoa (OMS/2023).

No Brasil, os dados do Censo 2022 mostram crescimento acelerado do contingente da pessoa idosa: pessoas com 65 anos ou mais já representam cerca de 10,9% da população, um aumento de 57,4% em 12 anos (IBGE/2023). Com mais longevidade, crescem também os casos de demência, estimados por estudos globais como tendência em forte alta até 2050 (NICHOLS et al./2022). Nesse cenário de negligência e abandono às pessoas idosas com demência temos problemas públicos, que violam direitos e exigem resposta intersetorial.

Conceitos e Contextos

Vale esclarecer por que a precisão conceitual importa para políticas públicas. Com isso, vamos aos conceitos:

- **Demência:** é um termo para diversas doenças que afetam a memória, o pensamento e a capacidade de realizar atividades diárias, que “com o tempo, destroem as células nervosas e danificam o cérebro, geralmente levando à deterioração da função cognitiva (ou seja, a capacidade de processar o pensamento) além do que seria esperado pelas consequências habituais do envelhecimento biológico” (OMS/2025).

- **Negligência:** recusa ou omissão de cuidados de necessidades básicas — como alimentação, higiene, medicamentos, consultas, segurança e afeto — não são atendidas de forma adequada (OMS/2024).

- **Abandono:** é uma forma de violência que se manifesta pela ausência de amparo ou assistência pelos responsáveis (por

familiares, cuidadores ou instituições) em cumprir seus deveres de prestarem cuidado a uma pessoa idosa (BRASIL/2023).

- Violência: para a Organização Mundial da Saúde (OMS), é “a imposição de um grau significativo de dor e sofrimento evitáveis; um ato único ou repetido, ou a falta de ação adequada, que ocorre em qualquer relacionamento em que existe uma expectativa de confiança e que cause danos ou sofrimento a uma pessoa idosa. Inclui abusos físicos, sexuais, psicológicos, emocionais, financeiros e materiais; abandono; negligência e ações que comprometem a dignidade e o respeito¹”.

- Violência institucional: prática de maus-tratos ou falhas sistêmicas em instituições que atendem pessoas idosas.

Violência contra a Pessoa Idosa com Demência: Dimensões e Invisibilidade

A violência contra a pessoa idosa com demência transcende a mera omissão; ela se manifesta de várias formas e afeta profundamente a vida do indivíduo. A demência, por si só, não é violência, mas um fator de risco agravante que exige atenção redobrada das redes de cuidado.

Embora o conjunto de dados citados não apresente dados de violência específico dirigida a pessoas idosas com demência — devido às limitações metodológicas do levantamento e à dificuldade de captura de denúncias diretamente atribuíveis a esse público específico — ele continua relevante. Ao realizar o levantamento das denúncias de violação de direitos contra as pessoas idosas, o Painel de Dados da Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos oferece uma visão macro da violência contra a população idosa, servindo como sinal de alerta sobre a magnitude do problema e a necessidade de ações intersetoriais mais precisas, o que não invalida os alertas apresentados; pelo contrário, aponta para a urgência de melhorias na coleta de dados, na identificação de casos de demência e na adaptação de políticas públicas para proteger especificamente quem convive com essa síndrome. Assim, o dado cumpre papel crucial para realização de políticas públicas.

Por outro lado, os dados generalizados significam que não se sabe exatamente quantas pessoas idosas com demência são vítimas, dificultando a formulação de políticas públicas e a alocação de recursos específicos para esse grupo, o que torna um problema de difícil detecção e enfrentamento.

A violência contra a pessoa idosa com demência é um problema estrutural que exige uma leitura integrada entre saúde, assistência social e justiça. O Estatuto da Pessoa Idosa (Lei N° 10.741/2003) define direitos, prioridades de atendimento e proteção contra abusos, reconhecendo a vulnerabilidade associada à idade e às condições de saúde. Paralelamente, a Política Nacional da Pessoa Idosa orienta ações intersetoriais, com ênfase na proteção, amparo social e promoção da autonomia, incluindo medidas de prevenção e tratamento adequado de violações de direitos.

Muitas vezes há uma naturalização da condição, que pode esconder situações de violência e dificultar que a própria pessoa denuncie o abuso. Além disso, esse cenário pode levar à infantilização

do idoso: cuidados excessivos que não consideram a dignidade e a humanidade da pessoa podem existir mesmo sem sinais diretos de violência. Por isso, é fundamental reconhecer a invisibilidade dessa violência: a demência reduz a capacidade de comunicação e a dependência do cuidador dificulta a observação por terceiros; comportamentos que parecem parte da demência podem mascarar violência; e os dados nem sempre são específicos, o que dificulta políticas públicas para idosos com demência.

Em relação aos sinais, negligência e abandono agravam os sintomas da demência, acelerando a perda de habilidades, aumentando o risco de quedas, desnutrição e infecções, além de piorar a memória. Emocionalmente, aparecem medo, tristeza, agitação e desorientação, que às vezes são confundidos apenas com a demência, atrasando o reconhecimento de violência. No longo prazo, observa-se maior necessidade de internações, institucionalização precoce e aumento dos custos com cuidado, tanto para as próprias pessoas, para a sociedade e para o Estado.

Observações que merecem atenção são: perda de peso sem explicação, desidratação e feridas por pressão, bem como quedas frequentes. Quando há visitas médicas ou exames marcados que não são realizados, ou se a medicação está desorganizada, vencida ou não é administrada corretamente, é outro indicativo importante. Ambientes sujos ou insalubres, roupas improvisadas ou em más condições, além da ausência de itens básicos como fraldas e alimentos, também chamam a atenção para possíveis violações de direitos.

O idoso pode parecer confuso ou ter medo, e sinalizações de hostilidade, evasão ou isolamento por parte do cuidador aumentam a suspeita. Relatos de solidão, fome, dor, desamparo ou situações em que a pessoa fica trancada em casa também devem ser vistos como possíveis sinais de violência ou negligência. Quando esses indicativos aparecem, é essencial buscar avaliação de saúde, assistência social e, se necessário, denúncia às autoridades competentes para proteção e apoio.

O Arcabouço Normativo Brasileiro e a Proteção à Pessoa Idosa com Demência

O Brasil possui uma das mais avançadas legislações de proteção à pessoa idosa no mundo. Este arcabouço normativo, embora não detalhe especificamente a “demência”, abrange amplamente as situações de vulnerabilidade, oferecendo fundamentos sólidos para a proteção jurídica.

O Estatuto da Pessoa Idosa (Lei N° 10.741/2003) - o Estatuto da Pessoa Idosa é a principal ferramenta legal de proteção, assegurando à pessoa idosa todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana.

Art. 3º: Garante a prioridade no atendimento, o que inclui a atenção especializada e humanizada em todas as esferas.

Art. 4º: Assegurar à pessoa idosa todos os direitos de cidadania, o que se estende ao cuidado e à proteção contra a violência.

Art. 10: Assegura o direito à liberdade, ao respeito e à dignidade. Violações como negligência, abandono, ou maus-tratos, além de serem crimes, atentam diretamente contra esses direitos.



Art. 99 a 108: Deixar de prestar assistência (Art. 97) Tipifica os crimes contra a pessoa idosa, incluindo abandono material (Art. 99), exposição a perigo (Art. 102), apropriação indébita de bens, proveitos ou pensão, entre outros. A clareza dessas tipificações permite a responsabilização de agressores.

A Política Nacional da Pessoa Idosa (Lei Nº 8.842/1994) - anterior ao Estatuto, a Política Nacional da Pessoa Idosa já estabelecia princípios e diretrizes para a promoção, proteção e recuperação da saúde do idoso. Seu foco na integração social e na defesa de direitos é fundamental. A lei orienta a criação de programas e serviços que busquem a autonomia e a participação do idoso na sociedade, reforçando a ideia de que mesmo com demência, a pessoa idosa possui direitos e capacidade residual que devem ser estimulados e respeitados (BRASIL/1994).

O Código Penal (Decreto-Lei Nº 2.848/1940) - o Código Penal complementa a proteção, aumentando a pena para crimes cometidos contra idosos (Art. 61, II, "h", do CP). Além dos crimes específicos do Estatuto do Idoso, como exemplo, a violência pode se enquadrar em:

- **Lesão Corporal (Art. 129):** com aumento de pena contra pessoa idosa;

- **Maus-tratos (Art. 136):** Se o agente expõe a perigo a vida ou a saúde de pessoa sob sua autoridade, guarda ou vigilância, mediante privação de alimentação ou cuidados indispensáveis, sujeição a trabalho excessivo ou inadequado, ou abuso dos meios de correção ou disciplina. Este artigo é frequentemente invocado em casos de negligência grave em LPIs;

- **Abandono de Incapaz (Art. 133):** praticado contra pessoa maior de 60 anos a pena é agravada. Este é um crime grave e diretamente aplicável a situações de abandono de pessoa idosa com demência que dependem totalmente de terceiros.

Normas Específicas para LPIs e o Conselho Nacional dos Direitos da Pessoa Idosa - as LPIs desempenham um papel crucial no cuidado de muitos idosos com demência. Por isso, são alvo de regulamentação rigorosa, como a Resolução RDC Nº 502/2021 da ANVISA, que estabelece os requisitos de boas práticas de funcionamento para LPIs, visando à garantia de um cuidado seguro e de qualidade. Essa resolução detalha aspectos de infraestrutura, recursos humanos, higiene, alimentação e controle de infecções (ANVISA/2021). O Conselho Nacional dos Direitos da Pessoa Idosa (CNDPI), órgão colegiado que tem como objetivos principais implementar, supervisionar e avaliar as políticas públicas voltadas à pessoa idosa, tem emitido resoluções importantes para a proteção da pessoa idosa, incluindo aquelas que se aplicam diretamente às LPIs e à prevenção da violência, como a Resolução CNDI nº 33/2017, que dispõe sobre o contrato de prestação de serviços de toda entidade de longa permanência, ou casa-lar, com a pessoa idosa abrigada.

Como a atuação do Poder Judiciário é fundamental para dar efetividade à legislação, a jurisprudência brasileira tem evoluído, reconhecendo a especificidade da vulnerabilidade da pessoa idosa com demência e aplicando sanções severas aos agressores, além de determinar medidas protetivas.

Em 2024 o Tribunal de Justiça de Minas Gerais manteve a tutela de urgência concedida em Ação Civil Pública contra uma instituição de atendimento a idosos, devido à precariedade sa-

nitária e às irregularidades constatadas. O tempo é essencial, e, diante do risco imediato aos idosos, a intervenção rápida é justificável para proteger direitos básicos como moradia, higiene, alimentação e saúde. O tribunal entendeu que as normas do Estatuto do Idoso e as exigências sanitárias devem ser cumpridas, sob pena de interdição da instituição.

Temos várias jurisprudências no sentido de preservar a dignidade da pessoa idosa em LPIs, que possui a obrigação de oferecer um ambiente acolhedor e seguro de acordo com as normas estabelecidas pelo Estado. Não podemos olvidar que a LPI abriga, em sua maioria, pessoas idosas com demência, o que requer maior atenção do Estado, da família e da sociedade. A complexidade da violência contra a pessoa idosa com demência exige uma resposta multissetorial e coordenada. A proteção não se limita à repressão, mas abrange a prevenção e a promoção da dignidade.

Neste sentido, o fortalecimento da rede de proteção e defesa da pessoa idosa, através de diversos órgãos do Estado é crucial. Para uma Rede coesa, vamos pegar como referência a Cartilha orientadora da Rede Nacional de Proteção e Defesa da Pessoa idosa - Renadi, publicada em 2022, sendo composta pelos seguintes órgãos (Brasil/2022):

- **Conselho dos Direitos da Pessoa Idosa**, que é um órgão deliberativo, consultivo, fundamental na rede de proteção e possui como dever fundamental o de defender os direitos das pessoas idosas;

- **Ministério Públíco**, que possui a competência de zelar pelos direitos das pessoas idosas, podendo atuar de forma extrajudicial ou judicial;

- **Poder Judiciário**, que possui a importância na eficácia dos direitos das pessoas idosas, possuindo atribuições judiciais e extrajudiciais;

- **Defensoria Pública**, que oferece orientação jurídica e defesa dos direitos das pessoas idosas de forma gratuita às pessoas em situação de vulnerabilidade econômica, social ou jurídica;

- **Polícias Militar e Civil** são essenciais no enfrentamento à violência contra as pessoas idosas;

- **Corpo de Bombeiros Militar**, cujas atribuições são voltadas em promoção de programas sociais para as pessoas idosas



Ana Lúcia de Oliveira

é advogada; especialista em direito criminal e direitos da pessoa com deficiência; palestrante; Conselheira da OAB/Contagem; Conselheira do Conselho Municipal dos Direitos da Pessoa com Deficiência de Contagem/ MG, representando a OAB/Contagem.

Ex-assessora jurídica dos Conselhos Municipal de Políticas Públicas da Cidade de Contagem/MG. Ex-diretora da Diretoria de Políticas para as Pessoas com Deficiência da Sedese do Estado de Minas Gerais. Ex-Presidente do Conselho Estadual de Defesa dos Direitos da Pessoa com Deficiência de Minas Gerais. Ex-Presidente da Comissão de Defesa dos Direitos da Pessoa com Deficiência da OAB/MG.

E-mail: analuciadireito@gmail.com

POR Ana Lucia de Oliveira

e também à vigilância em situações que podem ocasionar ameaça e violação dos direitos das pessoas idosas;

- **Ordem dos Advogados do Brasil**, que zela pelo instituto das normas, levantando discussões sobre os direitos das pessoas idosas, podendo ingressar com ações para cumprimento dos direitos.

- **Universidades**, que cria um espaço de aprendizado para as pessoas idosas, provendo estudo e fortalecendo discussões para o aperfeiçoamento da política de proteção e defesa da pessoa idosa;

- **Centro de Referência de Assistência Social – CRAS** – oferece serviços da proteção básica social, destinado ao atendimento das famílias e indivíduos em situação de vulnerabilidade e risco social;

- **Centro de Referência Especializado de Assistência Social – CREAS**, que é a referência em atuação em violações de direitos.

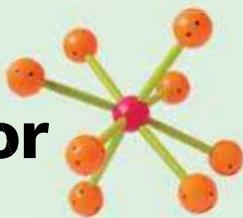
Considerações finais

A violência contra a pessoa idosa com demência é uma triste realidade que desafia os pilares de uma sociedade justa e protetiva. A complexidade do fenômeno, marcada pela invisibilidade, exige uma abordagem em rede que transcendia o âmbito meramente legal e alcance as dimensões sociais, de saúde e de educação. O Brasil, embora possua um arcabouço normativo avançado, com o Estatuto da Pessoa Idosa, a Política Nacional da Pessoa Idosa e atos normativos de órgãos do poder executivo, ainda enfrenta o desafio de efetivar plenamente esses direitos.

A atuação integrada com fundamento em uma Rede de Proteção é imperativa. A jurisprudência, ao reconhecer e sancionar a violência, ilumina o caminho para a concretização da proteção, mas é preciso ir além do básico, investir na capacitação, no apoio aos cuidadores, na melhoria dos dados e em campanhas de conscientização que promovam o respeito e a dignidade de cada pessoa idosa com demência. Somente assim, o Brasil poderá assegurar um envelhecimento digno e livre de violência.

É papel de toda a sociedade — famílias, profissionais, gestores e órgãos de justiça — transformar o cuidado em garantia de direitos. 

Hormônios em equilíbrio: o caminho para viver mais e melhor



Envelhecer é um processo natural, mas a forma como atravessamos essa fase da vida pode variar muito de pessoa para pessoa. A ciência tem mostrado que a qualidade da longevidade depende não apenas dos hábitos de vida — como alimentação, prática de exercícios físicos e sono adequado — mas também do equilíbrio hormonal. Nesse contexto, a reposição hormonal vem ganhando destaque como uma ferramenta importante para reduzir riscos de doenças crônicas e promover bem-estar.

Hormônios como estrogênio, progesterona e testosterona têm papel fundamental na regulação de diversas funções do organismo. Eles influenciam desde o metabolismo, a distribuição da massa muscular e da gordura corporal até o humor e a saúde óssea.

Com o avanço da idade, é natural que a produção hormonal diminua, trazendo sintomas como ondas de calor, fadiga, perda de massa muscular, acúmulo de gordura abdominal e alterações do sono. As consequências vão além do desconforto com a queda hormonal, o pior cenário está no aumento do risco de doenças cardiovasculares, diabetes tipo 2, obesidade, osteoporose e até comprometimento cognitivo.

Uma pesquisa publicada no “Journal of Obstetrics & Gynecology ScienceDaily” (2025), realizado pela Escola de Medicina “Penn State College of Me-

dicina”, com colaboração de outras instituições americanas, mostrou o efeito, ao longo prazo, em mulheres na menopausa que tiveram uma melhora significativa no colesterol, principalmente de lipoproteína, fator de risco genético para infarto e AVC.

A terapia de reposição hormonal (TRH), quando indicada e acompanhada por um profissional de saúde, pode atuar como uma aliada poderosa para a longevidade saudável para: Coração protegido; Controle da glicemia; Combate à obesidade; Ossos mais fortes; Saúde mental e vitalidade.

É importante ressaltar que a reposição hormonal não é indicada para todas as pessoas. A decisão deve ser individualizada, baseada em exames clínicos e laboratoriais, histórico familiar e fatores de risco. Quando bem conduzida, com acompanhamento regular, a TRH oferece muito mais benefícios do que riscos.

O aumento da expectativa de vida no Brasil e no mundo traz um novo desafio: não basta viver mais anos, é essencial que eles sejam vividos com saúde, autonomia e qualidade. Nesse cenário, a reposição hormonal se apresenta como uma das estratégias capazes de contribuir para uma longevidade plena, diminuindo a vulnerabilidade a doenças crônicas e devolvendo vitalidade ao envelhecer. 



Dra. Rebeca Filgueiras

é graduada há 23 anos em Medicina na Universidade Federal da Paraíba, com residência médica em Ginecologista e Obstetrícia no Hospital Pérola Byington e pós-graduação em Longevidade no prestigioso Instituto Albert Einstein. Com foco em longevidade e saúde feminina, é uma renomada especialista em ginecologia 40+, menopausa, reposição hormonal, longevidade feminina com abordagem e tratamentos modernos e atualizados.

E-mail: filgueirasrebeca@yahoo.com.br

Quando a longevidade se torna diferencial competitivo. Reflexões sobre envelhecimento e mercado de trabalho

Alongevidade, tanto em termos de anos de vida quanto de carreira, parece estar se tornando um tema de grande relevância no mercado. Esse fenômeno decorre de transformações demográficas, como o aumento da expectativa de vida e a queda nas taxas de natalidade (IBGE/2023).

Existem muitas questões relacionadas ao contexto da longevidade que motivam diversos debates sociais e econômicos. Independentemente disso, é importante compreender que a longevidade hoje está conectada diretamente à multigeracionalidade, ou seja, pela primeira vez na história, pessoas de gerações distintas estão convivendo ao mesmo tempo, inclusive no mercado de trabalho.

Esse fenômeno só é possível porque nos últimos anos observou-se um aumento da expectativa de vida. Somente no Brasil, de acordo com o IBGE (2023), em 2010 havia cerca de 20,6 milhões de pessoas com 60 anos ou mais (10,8% da população). Esse número chegou a 32 milhões em 2022 (15,6%), representando um aumento de 56% em 12 anos. Para 2040, estimativas indicam que a participação dos idosos pode mais que dobrar em relação a 2010, alcançando cerca de 23,8% da população (NERI; SOARES; NERI/2013).

Vive-se em um mundo em que as pessoas mais velhas estão ressignificando o processo de envelhecimento. Segundo a Fundação Dom Cabral (FDC, 2020, p.15), os idosos estão redefinindo o envelhecimento ao manterem produtividade e hábitos saudáveis. A longevidade hoje é uma oportunidade para ressignificar a forma como vemos a realidade, diante de uma sociedade com crenças ultrapassadas sobre o envelhecimento (FDC/2020).

Uma das grandes preocupações que recorrentemente aparecem nas discussões sobre o envelhecimento da população tem relação com políticas públicas para a segurança social, mais especificamente, aposentadoria. Se a população está ficando mais velha rapidamente e isso está fazendo com que diversas regiões do mundo tenham mais pessoas idosas do que jovens vivendo em sociedade, caberá aos mais novos “sustentarem” os mais velhos?

Fazendo um recorte nesse tema, é recente a última reforma na previdência aprovada no Congresso Nacional. Em dezembro de 2019, os trabalhadores da iniciativa privada passaram a estar sujeitos a novas regras de aposentadoria (G1/2025). Segundo estimativas do governo brasileiro, o déficit do INSS deve mais que quadruplicar nos próximos 75 anos (G1/2025).

Neste cenário, uma vida profissional ativa é essencial



para o envelhecimento de qualidade (VIEIRA, KENAPPE/2018). Os trabalhadores mais velhos podem contribuir significativamente para uma sociedade sustentável. A Organização Mundial da Saúde (WHO/2005) recomenda a criação de oportunidades de trabalho digno para essa população.

No entanto, existem desafios para a extensão da vida profissional. Como alertam Vieira e Kenappe (2018, p.7), muitas organizações negligenciam necessidades ergonômicas dos profissionais mais velhos. Por outro lado, como foi destaque na ABRH-PR (2023), a longevidade intencional requer atualização constante. Estes são indícios de que existe uma nova forma de se experimentar o envelhecimento. É possível acreditar que os estereótipos sobre envelhecimento estão sendo quebrados em razão das novas narrativas que estão ganhando cada vez mais espaço.

Segundo um artigo na Revista Forbes, publicado em setembro de 2022, um indivíduo de 60 anos tem três vezes mais probabilidades de sucesso em um novo negócio do que alguém de 30 anos (FORBES/2022). Outro dado capaz de criar uma nova narrativa para o empreendedorismo sênior é que profissionais altamente inovadores possuem em média 48 anos, o que contribui para o pressuposto de que a longevidade, entendida como experiência com base em referências, se torna um diferencial competitivo no mercado corporativo, seja empreendendo, sendo empregado ou consultor de negócios (ITIF/2016).

Segundo a Revista Exame (2024), uma pesquisa nos Estados Unidos revelou que gestores estariam preferindo contratar trabalhadores mais velhos. Um dos motivos atribuído a esse comportamento é que os jovens estão cada vez mais inflexíveis para voltar ao trabalho nos escritórios, um movimento que tem ganhado força ao redor do planeta.

Existem muitos dados que corroboram para essa quebra de paradigma no Brasil, dois deles são trazidos por estudos encomendados pelo SEBRAE, que apontam o empreendedor sênior como o principal responsável pelos negócios estabelecidos no mercado brasileiro. O relatório aponta ainda que 31% dos MEIs

(Microempresa Individual) no Brasil têm mais de 50 anos e que os negócios liderados por seniores (50+) representam 40% das empresas estabelecidas no mercado nacional com mais de 3,5 anos de existência (SEBRAE/2022).

São esses os indícios que reforçam a premissa de que a capacidade produtiva e empreendedora não está diretamente ligada à idade. E, embora o trabalho contribua para o portfólio de financeiro de uma pessoa, ele também é um fator essencial para o portfólio social dos indivíduos (COUGHLIN/2017).

Conforme definido pela American Association of Retired Persons (AARP), a Economia da Longevidade (ou Economia Prateada) constitui o conjunto de atividades econômicas geradas pelo consumo e produção de indivíduos com 50 anos ou mais. A AARP destaca que esse segmento contribui significativamente para a economia através de 3 eixos principais:



- 1) impostos sobre consumo,
- 2) tributos trabalhistas,
- 3) impostos sobre lucros corporativos (AARP, 2023).

Esse fenômeno abrange múltiplos setores econômicos, incluindo varejo, bem-estar, hospitalidade, cuidados, saúde e turismo (AARP/2023). Particularmente no campo do empreendedorismo, tradicionalmente associado a perfis jovens, observa-se uma significativa mudança de paradigma. Dados do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) revelam um aumento de 42% na quantidade de empreendedores com 60 anos ou mais entre 2013 e 2023, com renda média 40% superior à de jovens empreendedores (SEBRAE/2023).

Contudo, a Global Entrepreneurship Monitor (GEM), apresentado pelo SEBRAE, aponta que 60% desses empreendimentos ainda surgem por necessidade, sendo a “escassez de empregos” o principal motivador para 80% dos entrevistados seniores (SEBRAE/2023). Essa realidade convive com um movimento distinto identificado pelo Instituto de Longevidade MAG (2023): o desejo de manter-se produtivo e aplicar décadas de experiência em novas iniciativas.

A maturidade profissional oferece competências estratégicas como gestão de pessoas, resolução de crises e capacidade de planejamento (INSTITUTO DE LONGEVIDADE MAG/2023). Conforme demonstram os dados, os empreendedores seniores transformam seu capital de experiência em diferenciais competitivos, combinando conhecimentos acumulados com adaptação às novas tecnologias.

Este cenário configura um ponto de inflexão na cultura empreendedora mundial, mas especialmente a brasileira. Cada vez mais, profissionais maduros buscam autonomia, valorizando sua experiência e redes de contato, em vez de depender exclusivamente de políticas públicas. Essa transformação sugere o surgimento de um novo paradigma econômico, onde a longevidade ativa se apresenta como fator de competitividade e inovação. 



Mateus Piveta

é formado em Publicidade, com especialização em Marketing e mestrado em Ciência da Computação, atua como palestrante, consultor e coautor do livro “Gestão! Como evoluir em uma nova realidade”. Empreendedor serial com experiência na fundação de 4 empresas, une comunicação, tecnologia e estratégia para impulsionar transformação digital e inovação. Sua abordagem prática, aliada a conhecimentos multidisciplinares, ajuda organizações a navearem em cenários complexos. Fundador da PVT Gestão Estratégica, dedica-se ao desenvolvimento de estratégias com foco em crescimento acelerado e sustentável. Sua trajetória inclui passagem pelo setor de gastronomia, ainda aos 20 anos, e atuação em projetos de estratégia, comunicação e branding. Desde 2017, atua como consultor especializado na concepção e implementação de estratégias de negócios, transformação digital e gestão da mudança, trabalhando com empresas como Arezzo, ELO Cartões, CPQD, UNICRED e SICRED para acelerar sua adaptação à economia digital.

E-mail: mkpiveta@gmail.com

EXPOSIÇÃO

OSMAR SANTOS

“DO RÁDIO ÀS TELAS”

25 NOV
A
05 DEZ
2025

das 10h
às 18h

ABERTA
AO PÚBLICO

LOCAL:



HOTEL MERCURE PINHEIROS

RUA CAPOTE VALENTE, 500 - PINHEIROS
SÃO PAULO/SP - FONE: (11) 3069-4000

*Venha conferir de perto as pinturas feitas
pelo maior narrador esportivo de todos os tempos !*

TOTALMENTE ACESSÍVEL COM PEÇAS TÁTEIS
E INFORMAÇÕES EM BRAILLE



CURADORIA:
ALESSANDRA TRIGO

APOIO:

SISTEMA
REACÃO
DE COMUNICAÇÃO DIRIGIDA À PESSOAS COM
DEFICIÊNCIA, DIVERSIDADE ASSISTIDA E FAMILIARES

NOVO ECLIPSE CROSS 2026

APROVEITE CONDIÇÕES
EXCLUSIVAS PARA PCD

MIT
PCD 



DE **R\$ 173.990,00**

POR

R\$ 149.990*

*PREÇO VÁLIDO PARA VERSÃO RUSH.

4X4
É MITSUBISHI



CONDICÃO VÁLIDA DO ECLIPSE CROSS RUSH 2026 EXCLUSIVAMENTE PARA PCD (PESSOA COM DEFICIÊNCIA) NO VALOR À VISTA DE R\$ 173.990,00 POR R\$ 149.990,00 JÁ CONTEMPLANDO A ISENÇÃO DE IPI, NÃO EXTENSIVA ÀS DEMAIAS CATEGORIAS DE VENDA DIRETA (FROTISTA, LOCADORAS, PRODUTOR RURAL ETC.). OFERTA VÁLIDA DE 1/8/2025 A 30/10/2025. PARA PRAZO, CONSULTE O CONCESSIONÁRIO DE SUA PREFERÊNCIA. FATURAMENTO DEVE SER REALIZADO MEDIANTE APRESENTAÇÃO DA DOCUMENTAÇÃO COMPLETA E REGULAR, EXIGIDA PELA LEGISLAÇÃO VIGENTE. RESSALTANDO QUE POR TRATAR-SE DE VENDA DIRETA, O PROPRIETÁRIO DEVERÁ RESPEITAR AS REGRAS DE PERMANÊNCIA MÍNIMA DE PROPRIEDADE DO VÉHICULO.



O MELHOR PÓS-VENDAS DO BRASIL

MITSUBISHI
MOTORS